

Assessoria de Imprensa e Comunicação Social

**26 a 28 de
MAIO
2018**



CLIP PING TJ ES

Poder Judiciário • Tribunal de Justiça do Espírito Santo

GIRO RÁPIDO**Mutirão contra violência doméstica no Norte do Estado em junho**

Durante todo o mês de junho, a Coordenadoria Estadual da Mulher em Situação de Violência Doméstica (Comvi-des) vai realizar, em três Comarcas do Norte do Estado, o Mutirão do Juizado Itinerante da Lei Maria da Penha.

Serão realizadas audiências e julgamento de processos relativos à violência doméstica e familiar nas Comarcas de São Mateus (de 4 a 6 de junho), Conceição da Barra (do dia 18 a 20) e Aracruz (do dia 25 a 27). O objetivo é dar agilidade e, assim, reduzir o número de processos em Comarcas que não contam com Varas especializadas.



ÔNIBUS ROSA da Lei Maria da Penha: audiências



MAURÍCIO PRATES

www.mauricioprates.com.br | emeprates@uol.com.br

Justiça sob ameaça

Dos 18 mil juizes, desembargadores e ministros da Justiça brasileira, 110 estiveram sob algum tipo de ameaça em 2017, o que daria seis em cada mil.

Todos sob proteção de autoridades. Em 97% dos casos, o desempenho profissional dos juizes tem relação com a ameaça. Os dados são do Conselho Nacional de Justiça (CNJ).



lximenes@redgazeta.com.br - Tel.: 3321-8521

LEONEL XIMENES



O palco do terror

De um operador do mundo do Direito sobre a CPI de Magno Malta: “Tem que instalar uma CPI para apurar os maus-tratos da CPI dos Maus-Tratos”.



lximenes@redgazeta.com.br - Tel.: 3321-8521

LEONEL XIMENES



Pedido negado

A OAB-ES perdeu em duas frentes: tanto o Tribunal de Justiça como o TRT-ES negaram o pedido da Ordem para a suspensão dos prazos processuais por causa da greve dos caminhoneiros.

OUTRO CRIME EM COLATINA

Policial que se masturbou em frente a escola é preso

Rodrigo Oliveira se entregou. Ele é acusado de abusar de criança de 11 anos

LORETA FAGIONATO
lcaus@redgazeta.com.br

O policial militar Rodrigo Oliveira, acusado de abusar sexualmente de uma menina de 11 anos em Colatina e de praticar gestos obscenos em frente a uma escola de Vitória, foi preso na noite da última sexta-feira. De acordo com a Polícia Civil, o suspeito se apresentou na 15ª Delegacia Regional de Colatina e foi detido. Havia um mandado de prisão aberto contra ele.

Em seguida, Oliveira foi encaminhado ao Quartel do Comando Geral (QCG) da PM do Espírito Santo, em Maruípe, na Capital, onde está preso. Desde o último dia 18, o policial militar estava afastado de suas funções. No dia anterior, ele foi flagrado enquanto se masturbava em frente a um colégio em Jardim Camburi. Uma estudante de Direito, que foi à instituição de ensino buscar o filho de 15 anos, flagrou o ato, fotografou e registrou um boletim de ocorrência.

Em nota, a Polícia Militar informou que “determinou no dia 18 a abertura de um processo administrativo disciplinar demissionário a fim de julgar a conduta atribuída ao militar. A abertura do processo também estabelece o afastamento preventivo e imediato das suas funções”. Oliveira



FOTO/LEITOR

Mãe de aluna fotografou o policial militar se masturbando em frente a uma escola de Jardim Camburi

era lotado no batalhão da PM em Colatina, no Noroeste do Estado.

ALÍVIO

A mãe da menina de 11 anos que foi abusada sexualmente por Oliveira contou que se sente aliviada com a prisão do acusado. “Fico um pouco aliviada. Se ele ficar preso por pelo menos oito anos, minha filha vai ter idade suficiente para se defender quando ele sair da prisão, vou prepará-la para isso. Eu espero que ele pague pelo que fez e não tenha abusado de outras crianças”, disse a vendedora ambulante,

“

Fico um pouco aliviada. Se ele ficar preso por pelo menos oito anos, minha filha vai ter idade suficiente para se defender”

—

X.
Mãe da menina abusada

que não terá seu nome revelado para preservar a identidade da filha.

Os abusos aconteceram em Colatina, há mais de um ano. A mãe descobriu os crimes após encontrar um bilhete da filha para o suspeito na mochila da criança. “Como ele continuava solto, mesmo após o que fez, eu tinha medo de sair na rua, parei de ir à igreja, só ia trabalhar e levava minha filha à escola. Essa noite já consegui dormir melhor, mas vou me sentir melhor ainda se ele cumprir a pena toda. Espero que se faça justiça”, ressaltou.

A vendedora também

contou como está sua filha agora. “Ela não quer tratamento psicológico, não quer falar sobre o assunto, ficou traumatizada. Um ano depois, minha filha tem outra mente e quer esquecer tudo o que aconteceu. Ela já sabe que ele foi preso, eu contei, mas ela não gosta de tocar no assunto”, afirmou.

A mãe ainda destacou que tem feito de tudo para ajudar a menina a superar o que sofreu. “Esse cara destruiu os sonhos da minha filha. Ela não quer nem namorar, tem muito medo. Mas estou lutando para ela superar”, revelou.

GESTÃO NO TRIBUNAL

Presidente do STF admite que falhou na “pacificação social”

Cármén Lúcia, no entanto, ressalta que enfrentou grupos de pressão sem ceder

BRASÍLIA

▲ A ministra Cármén Lúcia, presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), admitiu, em entrevista ao jornal “Folha de S.Paulo”, que não conseguiu deixar a marca da “pacificação social” em sua gestão à frente do tribunal.

A crise política frustrou a pretensão da ministra, cuja gestão no STF termina em setembro.

Exercendo a presidência, coube a ela apaziguar ministros nos embates sobre a Lava Jato, belicosidade que minimiza.

Sua gestão deverá ser lembrada pelo combate à violência contra a mulher, em especial às presas grávidas e lactantes.

Cármén Lúcia também investiu em pesquisas e en-



NELSON JR./STF - 04/08/2017

A presidente do Supremo Tribunal Federal, ministra Cármén Lúcia: “Resistência”

frentou a resistência dos tribunais para dar visibilidade ao que chama de “verdade remuneratória” dos magistrados: subsídios, gratificações e penduricalhos.

“O Judiciário precisa de

mudanças estruturais. Há Estados em que mais da metade das comarcas não têm juízes”, afirma a ministra.

As declarações foram dadas em entrevista publicada ontem no jornal “Fo-

lha de S.Paulo”.

Questionada se tem sido bem-sucedida em sua anunciada pretensão de marcar sua gestão como o exercício da pacificação social, a ministra desabafou:

O QUE ELA DIZ

“Não consegui a pacificação social, pelo menos do que era minha atribuição. Porém, dei o exemplo de serenidade nos momentos mais difíceis”

CÁRMEN LÚCIA
PRESIDENTE DO STF

“A tentativa de pacificar foi permanente. Não consegui a pacificação social, pelo menos do que era minha atribuição. Porém, dei o exemplo de serenidade nos momentos mais difíceis.”

A ministra ainda ressaltou que não cedeu a pressões. “Eu mantive o enfrentamento na transparência da remuneração dos magistrados. Ex-ministros e conselheiros disseram que

eu não conseguiria. Desde outubro, há uma plataforma com a demonstração de quanto se paga. Eu resisto às pressões. Eu não cedo”.

Sobre prisão em segunda instância, a ministra ressaltou que em sua gestão “não se pôs nenhuma razão específica” para voltar a discutir a jurisprudência.

“O STF vinha aceitando a execução em segunda instância e, em 2009, houve a mudança de orientação. De 2009 a 2016, alguns ministros que formavam a corrente vencedora começaram a dizer que era preciso discutir, porque se estava levando à impunidade. Em 2016, foi reafirmada a possibilidade do início da execução (da pena) em segunda instância. A maioria aprovou, dando efeito vinculante”, lembrou a ministra, ao ressaltar que a decisão está pacificada.

REPORTAGEM ESPECIAL

IMAGEM TV GAZETA - 23/04/2018

A TRISTEZA E A REVOLTA DO LUTO COLETIVO

As mortes dos irmãos em Linhares causaram comoção

ALINE NUNES
anunes@redgazeta.com.br

Até o momento em que a polícia divulgou detalhes da morte dos irmãos Kauã Salles Butkovsky, 6 anos, e Joaquim Alves Salles, 3, muitas pessoas não queriam acreditar que o pastor Georgeval Alves Gonçalves, padastro do mais velho e pai do caçula, pudesse ter envolvimento no assassinato das crianças, ocorrido em 21 de abril, no município de Linhares. Tanto pela relação paternal, quanto pelo fato de se apresentar como pastor. Contudo, a crueldade do crime, segundo as investigações policiais, revelou sua outra face, além de deixar um clima de comoção no Estado.

Mesmo para quem não é da família fica impossível não se sensibilizar diante do sofrimento dos meninos que, de acordo com as perícias, foram estuprados, espancados e queimados ainda vivos, embora o

pastor George, como é conhecido, afirme ser inocente. Num caso de violência dessa dimensão, muitos passam por uma espé-

JUSTIÇA



“A justiça tem que ser feita, mas pelas vias legais. O ponto de virada entre nós e quem comete o crime é esse: respeito ao outro e às leis”

PEDRO LUIZ FERRO
PSICÓLOGO

cie de “luto coletivo” e é importante saber lidar com esses sentimentos.

Presidente da Associação de Mães e Filhos de Vítimas da Violência, Maria das Graças Narcort, que teve um filho assassinado há quase 19 anos, ainda se comove com a violência. Para ela, é difícil não se revoltar diante da morte dos irmãos.

O psicólogo Pedro Luiz Ferro observa que, em geral, a primeira vontade é fazer justiça com as próprias mãos, o sentimento de vingança se manifesta, com linchamentos e outras reações violentas, mas é importante ter controle sobre essas sensações.

“Esse comportamento não é saudável. Agir assim é se igualar ao criminoso. A justiça tem que ser feita, mas pelas vias legais. O ponto de virada entre nós e quem co-



O pastor George estupro e matou o filho Joaquim, 3 anos, e o enteado Kauã, 6, segundo a polícia

mete o crime é esse: respeito ao outro e às leis.”

Na opinião da psicóloga Adriana Müller, é fundamental que quem vive o trauma da violência busque um caminho para a transformação. “Quando um valor absolutamente precioso é violado, a fragilidade existe, mas não podemos deixar esse sentimento tomar proporção maior. É preciso, ao contrário, reforçar valores, como estar com a família e com os amigos, lembrar do poder do encontro, do abraço, de agradecer pelo que se tem”, recomenda.

IMPUNIDADE

Para a psicóloga Daniela

Reis e Silva, especialista em trauma e luto, crimes dessa natureza deveriam servir para que a sociedade não se cale e possa se unir a fim de acabar com a impunidade.

“Infelizmente, esse tipo de caso não é o primeiro, nem será o último. À medida em que os detalhes vão sendo revelados, as pessoas vão ficando em choque. Mas nem todos os crimes são resolvidos nessa celeridade e, para a família que perde alguém, é uma angústia muito grande. É importante que, diante de uma violência como essa, para a qual não tenho expressão para qualificar, possa se jogar luz sobre todos os outros

que passam por situações semelhantes”, opina.

Psicólogo do Programa de Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis) no Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes (Hucam), Getúlio Sérgio Souza Pinto avalia que a reação das pessoas diante do assassinato dos irmãos também tem relação com o fato de que uma violência tão recorrente no universo familiar – mais de 60% dos casos de abusos contra crianças e adolescentes acontece em suas casas – ainda é invisibilizada. “Fechar os olhos para esse crime permite que continue acontecendo.”

Fale a verdade para as crianças

Se para os adultos pode ser difícil lidar com casos de violência, mais ainda é para as crianças. Independentemente de estarem próximas ao fato, se houver questionamentos, é importante sempre falar a verdade.

A orientação é da psicóloga Adriana Müller, ressaltando, contudo, que a

resposta deve ser objetiva e apenas aquilo que a criança perguntar, pois será o que ela terá capacidade – pela sua faixa etária – de compreender.

“Não precisa dar detalhes. Em seguida, diz que quem fez aquilo não estava bem da cabeça. Isso demonstra para a criança que

pai matar filho não acontece sempre, não é em todo lugar. Por fim, é preciso tranquilizá-la e mostrar que a relação em sua família é diferente”, orienta.

Quando se trata de crianças que conviviam com as que foram violentadas, Getúlio Sérgio Souza Pinto, psicólogo do Programa de

Atendimento às Vítimas de Violência Sexual (Pavivis) no Hospital Universitário Cassiano Antonio de Moraes (Hucam), sugere que seja feito um trabalho com profissional especializado, que possa fazer ações em grupos. “Não existe uma receita pronta, mas a regra de ouro é não antecipar o as-

REGRA DE OURO

“A regra de ouro é não antecipar o assunto. Sempre é importante ouvir as crianças, saber o que elas estão pensando”

GETULIO SÉRGIO
PINTO PSICÓLOGO

sunto. Sempre é importante ouvir as crianças, saber o que elas estão pensando”, afirma.

Além disso, em uma ação preventiva, Getúlio defende que os pequenos possam receber educação sexual, pois evitaria que os abusadores se aproveitassem do tabu em torno do assunto para praticar a violência. “As crianças aprenderiam a se proteger.”

As mães e o sentimento diante da crueldade

▄ O drama de Linhares trouxe preocupação, mas também ensinamentos sobre a proteção dos filhos

O que a tragédia ensina



Fabrícia Kirmse, 40
mãe e jornalista

Tenho dois filhos. Uma menina e um menino quase da mesma idade de Joaquim e Kauã. Quem convive com crianças dessa idade sabe que são ainda muito inocentes, bastante indefesas e que depositam nos adultos, especialmente em seus familiares, toda a sua confiança. A família é sua referência, seu amparo, sua segurança. Estendem a mão nos pedindo ajuda ao menor sinal de risco.

Certamente, Joaquim e Kauã eram assim. Puros. Dependentes. Frágeis como qualquer criança. E viam em seu pai/padrasto um porto seguro. O mal estaria só do lado de fora do portão. Crianças pensam dessa forma. Dentro do lar, sentem-se protegidas.

Infelizmente, em Linhares, ali no endereço daquele que se dizia pastor, Kauã e Joaquim não estavam seguros. Mas, com certeza, acreditaram que sim, como meninos puros que eram. Não tiveram a chance de pedir socorro pois seu mais provável "herói" escolheu ser o algoz. Ninguém os amparou. De onde

esperavam amor, receberam uma violência brutal e insana.

Se o mal, de forma geral, já nos pede muita reflexão, o que dizer da maldade que vem de pessoas de quem, naturalmente, a gente espera o bem? Um pai, por exemplo.

Esse caso extremo no Norte do Estado, assim como tantos outros hediondos que já vimos, reflete um problema muito maior e complexo. Uma crueldade sem limites que vem, talvez, da falta de valores e de ética para a vida. Vivemos num mundo doente, permeado por relações estranhas e sentimentos pobres e sombrios. Às vezes, até mesmo dentro das famílias. Empatia zero, amor escasso, ódio abundante, egoísmo que assusta.

Precisamos pensar. Cabe a todos essa reflexão. O mundo só muda se cada um de nós oferecer seu melhor ao mundo. Se cada família ensinar o respeito e a ética a seus filhos desde bem cedo. Temos sérios problemas sociais, culturais e de base. Façamos nossa parte.

Olhar de inquietação



Dilma Maria Ramos Zucolotto, 52
mãe, avó e voluntária

Casos de violência como este, dos meninos Joaquim e Kauã, me deixam triste e, ao mesmo tempo, inquieta. Penso que precisamos estar muito atentos a nossos filhos. Na correria do dia a dia, não podemos deixar de dar esse tempo a eles. Tem que ter o olhar de todos: da mãe, do pai, dos avós, de quem cuida. Às vezes, pela falta desse olhar, coisas terríveis vão acontecendo...

Onde vamos parar nessa loucura toda em que vivemos? Pior: e nossas crianças? Nessa correria da vida, não temos condições de identificar mínimas coisas que vão acontecendo, não só dentro de casa, mas na escola, na vizinhança.

Temos que ter esse olhar para o outro. Mas não aquele olhar de acusação, culpabilizando, e sim um olhar de preocupação mesmo, de inquietação. Não podemos ficar apáticos, temos que saber da vida de nossas

crianças, perguntar, saber o que está acontecendo.

É um cuidado maternal, mas a responsabilidade não é só da mãe, não é só do outro. Sempre me preocupei muito com tudo que dizia respeito a minha filha, até o extremo, mas isso não significa colocar ninguém em uma redoma de vidro. É a atenção, o cuidado, o querer saber, sempre ter uma interrogação.

Pelo meu trabalho, acompanho de perto muitos casos de violência, ouço muitas coisas em relação a isso. Então, quando falo de preocupação, é essa necessidade de se manter inquieto. E, se perceber que algo não está correto, não precisa ter vergonha de pedir ajuda.

É preciso também vencer alguns tabus, conversar com as crianças, deixar alguns assuntos mais claros para elas, como a questão da sexualidade, porque é até uma forma delas se protegerem.

REAÇÃO

“O NÍVEL DE CRUELDADE AMPLIFICA A INDIGNAÇÃO”

Adriana Müller
Psicóloga

▄ A comoção que tomou conta das pessoas diante do assassinato dos irmãos Kauã e Joaquim é avaliada pela psicóloga Adriana Müller como uma reação ao fato de que, da família, esperava-se proteção, e não

violência. Confira nesta entrevista:

Por que este crime causou tanta comoção?

Acredito que choca a todos nós porque temos a ideia de que a família é um lugar de segurança,

de acolhimento, de proteção e, quando somos confrontados com uma realidade oposta, isso quebra todas as nossas expectativas construídas.

As circunstâncias também contribuem para isso?

O nível de crueldade amplifica a nossa indignação. É como se houvesse uma violação de um conceito importante para nós, que é o da família como um lugar que precisa ser preservado,

onde encontramos afeto, tranquilidade.

E como lidar com esses sentimentos?

Acho que há dois lados nisso tudo. Primeiro, de certo modo é bom, porque nos organiza como sociedade, nos posiciona sobre o que aceitamos ou não. Então, eu não aceito esse tipo de violação, eu me solidarizo, tenho sentimentos de coletividade. Isso é bom. Por outro lado, não se



deve permitir que esse sentimento vire uma revolta, algo ruim e prejudicial para si mesmo e

para o coletivo. É preciso dar o próximo passo. Se isso é tão importante para mim a ponto de gerar essa indignação, eu vou proteger, ajudar, valorizar mais minha família, quem está a minha volta. Esse é um caminho que gera transformação. Quando trabalhamos com o luto, costumamos dizer: “você tem todo o direito de ficar triste e revoltado, mas não pode ficar preso nesse sentimento”.

CHOQUE

“Foi um absurdo, mas desde o princípio já dava para desconfiar. Muito estranho o comportamento dele. Para quem é pai e mãe é muito difícil. Dá até para arrepiar”



RICARDO PERINI, 37
CONTADOR

“Violência contra criança e mulher é trágico. O pai matar o filho, fazer o que fez com as crianças, é absurdo. Precisamos muito nos pegar na fé em Deus”



ROSE LOPES, 43
SERVIDORA PÚBLICA

“Um caso bárbaro, chocou bastante. A mim, pessoalmente, dá medo de pensar no que a sociedade está se tornando. Duas crianças inocentes. Muito triste!”



FLÁVIA RAIZA RIBEIRO, 25
JORNALISTA

EXPOSIÇÃO DE ACUSADOS

OAB repudia CPI dos Maus-Tratos e chama audiências de “espetáculo”

Entidade classificou audiências como “tribunal de exceção” e “palco político”

⚡ A Ordem dos Advogados do Brasil - Seccional Espírito Santo (OAB-ES) divulgou ontem uma nota de repúdio à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos, chamando a audiência pública de “espetáculo político” e “tribunal de exceção”. Envolvidos em crimes sexuais contra crianças e adolescentes tiveram a imagem divulgada e os depoimentos foram transmitidos ao vivo pelo Facebook.

Na nota oficial, a OAB afirma que a comissão, presidida pelo senador Magno Malta, afronta princípios e garantias fundamentais previstos na Constituição Federal e normas do Estatuto da

Criança e do Adolescente. “A forma de condução da audiência pública expôs vítimas e acusados”, destaca.

Alguns acusados por crimes sexuais que chocaram o Estado nos últimos meses foram chamados para depor na CPI, que aconteceu em Vitória na quinta-feira e na sexta-feira. Entre eles, estavam o pastor George Alves, acusado de estuprar e matar o filho Joaquim e o enteado Kauã; Ademir Lúcio Ferreira, suspeito de estuprar e matar a menina Thayná de Jesus do Prado; além do tio e do avô de um bebê de três anos que foi abandonado na BR 101, na Serra, no dia 17 deste mês.

Segundo a OAB, o que foi apresentado na comissão se distancia do que deveria ser uma audiência de CPI. “Feitos para palco político, atos



O senador Magno Malta interroga o pastor George, de colete, em audiência

como os que assistimos em Vitória estão longe de contribuir para promoção da justiça e se afastam do rigor e da seriedade que devem marcar a atuação do Poder Legislativo e de uma CPI.”

A nota ainda ressalta que os papéis das instituições e poderes que compõem o sistema judiciário são bem delineados e que, ao atuarem no devido processo legal, promovem justiça. “O que

estiver fora deste arcabouço constitucional normativo configura tribunal de exceção, processo inquisitorial e espetáculo político, que promove violações de Direitos Humanos e passa ao largo

do que deveria ser mecanismo de enfrentamento à impunidade e criminalidade”, defende a OAB-ES.

Na sexta-feira, a Defensoria Pública já havia se manifestado contrária à exposição de acusados nas audiências. A reportagem procurou Magno Malta para comentar a nota da OAB, mas sua assessoria de imprensa informou que ele estava na estrada e não era possível conseguir contato com ele.

Questionado sobre o risco da exposição dos presos e das crianças envolvidos em crimes de abuso sexual na sexta-feira, o senador afirmou que a proteção só é garantida para as crianças. Segundo ele, os familiares já foram revelados quando aconteceram as prisões dos suspeitos. (Com informações de Loreta Fagionato)

FERNANDO MADEIRA - 25/05/2018



vvogas@redegazeta.com.br Tel: 3321-8319

VITOR VOGAS

PRAÇA OITO



Cenas lamentáveis

Podiam ser “cenas políticas” – o espaço da coluna reservado às anedotas e situações cômicas –, pelo que elas contêm de bizarro. Mas o assunto, maus-tratos a crianças e adolescentes, é tão sério que só permite a classificação de “cenas lamentáveis”.

Em nome de Deus

Do início ao fim, a audiência conduzida por Magno foi um show de proselitismo religioso em um espaço que deveria ser laico. “Declaro, em nome de Deus, abertos os trabalhos”, disse no início. E o “nome de Deus” seria bem usado dali em diante. O pagodeiro gospel abusou das citações bíblicas. Tentou de todas as maneiras arrancar uma confissão pública do pastor George Alves Gonçalves. Como esse se declarasse inocente, Magno acusou-o de ter traído Jesus e esfregou em sua cara a história de Judas. “O que matou Judas foi a falta de arrependimento, foi a falta de penitência!”

Pai, perdoa-o...

Para o mesmo depoente, acusado de violar e matar os irmãos Kauã e



Joaquim, em Linhares, Magno citou uma comédia infantil para encenar o drama das crianças na hora da morte. “Conhece o filme ‘Esqueceram de Mim’? Seus filhos disseram ‘esqueceram de nós’. ‘Papai não vai vir nos salvar’.”

Jesus, acende a luz

Magno ainda arriscou esta metáfora de gosto duvidoso: “O novo nome de Jesus deveria ser luminol, porque Jesus é igual a luminol. Onde você joga, ilumina tudo”, afirmou o senador, sobre a substância química utilizada por peritos da polícia quando necessitam descobrir se há vestígios de sangue em roupas, objetos ou ambientes.

TRANSMISSÃO

Repórteres entrevistam uma das participantes da audiência da CPI dos Maus-Tratos. Um degrau acima (à esquerda), Magno Malta faz sua live.

Circo político

Ele ainda compartilhou com o depoente esta informação de relevância pública: “Se eu tivesse 36 anos, eu não era senador. Eu estaria lutando MMA. Estaria saindo na porrada por aí”.

MMA: Magno Malta em Ação

Magno está se revelando o rei do vale-tudo. Só que político-eleitoral.

Show de horrores

E esse vale-tudo está reverberando na equipe do senador. Na noite de quinta-feira, por exemplo, após ter recebido voz de prisão do próprio Magno durante audiência da CPI dos

Maus-Tratos, o avô de uma vítima, acusado de tê-la violentado, foi escoltado por policiais até um corredor atrás do auditório. Um assessor de Magno transmitia tudo ao vivo para a página do senador no Facebook. Valendo-se de seu acesso privilegiado às dependências do edifício, o assessor seguiu os policiais com a câmera, postou-a na cara do acusado e perguntou-lhe ao vivo: “E aí, arrependido?”.

Avenger, só que não

O raciocínio aqui é simples: ninguém pode violar os direitos constitucionais de ninguém, seja ele acusado, réu ou condenado, nem mesmo a pretexto de promover a defesa de crianças e adolescentes. E menos ainda para posar de justiceiro e vingador das vítimas. Não cabe a um senador da República fazer isso. Sejam os depoentes culpados ou não. Sejam verdadeiros monstros ou não. Cabe à Justiça determinar isso e, se a culpa estiver formada e provada, fazê-los pagar como devem pelos crimes cometidos. O que não cabe é linchamento público, muito menos em uma Santa Inquisição conduzida por alguém que se crê numa cruzada pessoal.

PAÍS EM CRISE



BERNARDO COUTINHO



CARLOS ALBERTO SILVA

Fila de veículos para abastecer em posto na Praia de Itaparica. Outro estabelecimento, próximo ao Terminal de Vila Velha, também teve movimento intenso

JUSTIÇA DETERMINA QUE POSTOS SEJAM ABASTECIDOS

Falta de combustível e filas de carros ocorrem em todo o Estado

de ANDRÉ RODRIGUES
de GEIZY GOMES
de GERALDO CAMPOS JR

A cena se repetiu ontem. Com medo do desabastecimento, filas de carros se formaram próximas aos poucos postos que ainda tinham combustível na Grande Vitória. Em várias unidades não há mais gasolina, diesel ou álcool, em função da dificuldade de as distribuidoras fazerem as entregas com a greve dos caminhoneiros.

Diante desse cenário, o Sindicato do Comércio Varejista de Derivados de Petróleo do Espírito Santo (Sindipostos) foi à Justiça para garantir o abastecimento. Na noite de ontem, a juíza Ma-

ria Cláudia de Garcia Allemand, da 5ª Vara Federal Cível, atendeu ao pedido de liminar e determinou que os caminhões que transportam combustível sejam liberados nos pontos de bloqueio formados por manifestantes.

Na decisão, a juíza ainda solicita reforço policial para garantir a passagem de caminhões, cena que já foi vista na Grande Vitória ontem. Os veículos das distribuidoras foram escoltados até os postos por viaturas da Polícia Militar.

Ontem pela manhã, houve confusão em um posto na região de Maruípe, em Vitória, porque o pequeno estoque de gasolina e

CIDADE PARADA

46

postos zerados

Em Cachoeiro de Itapemirim, quinta maior cidade do Estado, todos os revendedores estão sem combustível.

diesel que ainda havia estava abastecendo apenas viaturas policiais e ambulâncias, por decisão do dono.

PROCON

De olho em possíveis abusos nos reajustes de preços, o Procon Estadual

realizou ontem ação em 34 municípios capixabas. Mais de 30 postos foram verificados, sendo que muitos estavam fechados pelo desabastecimento.

Após serem verificadas irregularidades, foram autuadas nove unidades. O Procon não informou os motivos das autuações nem os valores cobrados pelo combustível durante a fiscalização.

Em coletiva na tarde de ontem, o governador Paulo Hartung disse que fez um apelo aos empresários do setor para que não explorassem o sofrimento da população com o aumento dos preços e ressaltou que

o Procon fiscalizava possíveis abusos.

INTERIOR

Se na Grande Vitória achar postos com gasolina está difícil, no interior do Estado quem encontra pode considerar que recebeu um milagre. Todas as cidades do Sul do Estado apresentam algum problema devido ao desabastecimento. Dez municípios da região estão totalmente sem combustível.

Em Cachoeiro de Itapemirim, quinto maior município capixaba, a gasolina acabou em todos os 46 postos e, de acordo com o Sindipostos, em pelo menos quatro só há diesel. Um posto localiza-

do no bairro Guandu está sem qualquer combustível desde terça-feira (22).

Em Iúna e Presidente Kennedy, as únicas cidades do Sul que amanheceram ontem com gasolina nos postos, o dia foi de corrida e filas longas. No entanto, ainda ontem o combustível se esgotou.

No Noroeste do Estado, também foram registrados filas e postos sem combustível em Colatina, Boa Esperança, Nova Venécia e São Gabriel da Palha. Em Linhares, os poucos postos que tinham gasolina cobravam cerca de R\$ 5 pelo litro. (Com informações das TVs Gazeta Norte e Noroeste)

Rodosol: sem prazo para isenção em pedágio

RODOSOL/DIVULGAÇÃO

Entre os pontos do acordo entre o governo federal e os caminhoneiros, está a não cobrança sobre o eixo suspenso em caminhões vazios. A iniciativa está em vigor desde 2015, por meio da Lei 13.103.

A regra já vale para os pedágios instalados em rodovias federais e agora a proposta da União é que ela passe a valer também para as estaduais. Caso não seja bem sucedida a tratativa administrativa com os Esta-

dos, a União adotará as medidas judiciais cabíveis.

No Espírito Santo, duas concessionárias administram rodovias: a Rodosol, em estrada estadual, e a Eco101, na federal.

De acordo com a Rodosol, por meio de nota da Associação Brasileira de Concessionárias de Rodovias, em relação à solicitação do governo federal aos Estados para isentar a cobrança de pedágio pelo eixo suspenso dos cami-

nhões vazios, por ora, não há qualquer determinação dos governos estaduais e respectivas agências reguladoras.

A nota diz ainda que em 2015, quando a Lei 13.103 foi publicada, aplicou-se o reequilíbrio econômico-financeiro nas tarifas de pedágio das concessões federais que implementaram as determinações da lei.

Já em relação à Eco101, não haverá mudança no que já é feito atualmente, pois já

há o desconto de acordo com o eixo suspenso. A empresa acatou a determinação da lei desde 2015 e tem sete pontos de pedágio no Estado.

Na BR 101, há um sensor na cabine dos pedágios que consegue contar a quantidade de eixos de cada veículo. Um caminhão de oito eixos que passa na praça de Pedro Canário por exemplo, paga R\$ 32 de pedágio. Se dois eixos estiverem suspensos, o valor a ser pago será de R\$ 24. (Diná Sanhotene)



Pedágio da Rodosol em Guarapari: sem mudanças

CPI DOS MAUS-TRATOS

Mãe desabafa: "Não se pode confiar em ninguém"

Clemilda de Jesus, que teve a filha de 12 anos assassinada, falou pela 1ª vez com o acusado, Ademir Araújo, preso desde novembro

Simony Giuberti

Em um desabafo emocionado e repleto de indignação, Clemilda Aparecida de Jesus ficou frente a frente com o acusado de estuprar e matar a filha dela, Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos.

Clemilda também deixou um alerta para os pais. "Eduquem seus filhos, conversem com eles, falem para eles tomarem cuidados, porque hoje em dia a gente não pode confiar mais em ninguém. Não se pode confiar mais em padre, pastor ou vizinho".

O encontro com o acusado ocorreu na manhã de ontem, em uma audiência da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-tratos em Crianças e Adolescentes. Pela primeira vez, após sete meses da morte, a mãe conseguiu falar com o indiciado do crime.

Ademir Lucio Ferreira de Araújo, 55, foi preso em 14 de novembro do ano passado, em Porto Alegre (RS). Ele entrou no auditório no Ministério Público do Estado, em Vitória, com o rosto escondido.

Ademir não respondeu boa parte das perguntas feitas pelo senador Magno Malta, que presidiu a audiência. O acusado também foi questionado sobre o estupro de uma menina de 11 anos, crime pelo qual ele já foi condenado a 34 anos de prisão, em abril deste ano.

O momento que deixou todos emocionados foi quando a mãe de Thayná entrou no auditório e ficou frente a frente com Ademir.

"Ele teve coragem de pegar a minha filha, abusar dela, machucar ela, matar ela e ainda colocar fogo. Ele teve coragem de fazer isso com uma criança", disse Clemilda, olhando para Ademir.

E continuou: "Ele teve coragem de fazer isso com uma criança que ia na igreja e não teve prazer de chegar aos 15 anos. Ele teve coragem de entrar na minha vida abruptamente e arrasar com ela. Ele nunca tinha me visto na vida e ele não tem noção do que ele fez comigo. Com a vida de uma criança que só queria crescer e ser feliz".

O senador perguntou se Clemilda queria fazer alguma pergunta para Ademir. "Eu queria muito saber o que foi que ele falou para a minha filha no momento em que ela entrou naquele carro. Queria muito saber disso". O acusado, no entanto, afirmou que não era ele quem estava dentro do veículo no momento em que Thayná entrou.

Ademir não confessou ser o assassino de Thayná.



CLEMILDA DE JESUS ficou frente a frente com Ademir Ferreira durante depoimentos a Comissão Parlamentar

CLEMILDA DE JESUS MÃE DE THAYNÁ ANDRESSA

"Será que tem noção do que fez?"

Clemilda Aparecida de Jesus, mãe da menina Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, que foi assassinada em outubro do ano passado, no bairro Universal, conversou com a reportagem ontem.

> A senhora poderia narrar para a gente o que aconteceu naquele dia?

CLEMILDA APARECIDA - Pedi um favor para a minha filha, como toda mãe pede. Pedi ela para ir buscar as caixas. E foi a última vez que eu falei com a minha filha.

Eu fui na delegacia a tarde, pois a escola sempre manda uma mensagem quando a criança não aparece, mas a mensagem não chegou por que no dia anterior tinha chovido muito e tinha estragado o aparelho. Quando deu 18 horas, minha filha não ligou. E eu já sabia

que alguma coisa tinha acontecido porque eu conheço a minha filha.

> Qual a importância de ficar cara a cara com Ademir?

Poder falar para ele das coisas que ele tirou dela, para ele pensar, se é que ele consegue, foi muito importante para mim.

> Acredita que a sua luta vai ajudar outras mães a tomarem mais cuidado com seus filhos?

Espero que sim. Só queria falar

“Eu sabia que ele não iria ser sincero, mas precisava estar ali. O que importa agora é que nossas leis se tornem mais severas”

isso para as mães. Falem para seus filhos não deixar ninguém tocar, pegar, mexer. Tenham cuidado.

> O que significou para a senhora ficar frente a frente com o acusado de matar a sua filha?

Eu sabia que ele não iria ser sincero, mas eu precisava estar ali. O que importa agora é que nossas leis se tornem mais severas e eu espero que essa CPI sirva para isso.

Minha filha pelo menos agora está com Deus, está descansando e está em paz. Mas será que ele tem noção do que ele fez com a minha vida? Ele está protegido, ele come, ele bebe, ele toma remédio se precisar. Mas e eu? E a minha filha? E aquele cofre que eu tenho lá em casa para fazer a festinha dela de 15 anos? E aquela bicicleta que ela não chegou a andar?

Confissão sobre estupro de menina de 11 anos ao depor

Ademir Lucio Ferreira de Araújo, de 55 anos, acusado de estuprar e matar a menina Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, em outubro do ano passado, em Viana, confessou, na manhã de ontem, o crime que cometeu contra uma estudante, de 11 anos, três dias antes do desaparecimento de Thayná.

Essa foi a primeira vez que ele admitiu oficialmente o que fez. O crime aconteceu no bairro Industrial, também em Viana.

O acusado foi condenado a 34 anos de prisão em regime fechado, em abril deste ano, por ter sequestrado e estuprado a menina. "Se eu errei, eu vou pagar pelo meu erro. Mas se eu não errei, não posso pagar por uma coisa que eu não fiz. O outro processo sim, fui eu. Mas o da Thayná eu vou provar que não fui eu", afirmou o condenado.

O delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, comentou sobre a confissão de Ademir.

"Tínhamos laudos periciais que comprovavam que ele era o autor do crime de uma vítima de 11 anos de idade. E hoje ele veio a confessar, assumiu esse crime e isso é um fato relevante. Demonstra a crueldade e a frieza como ele age".

O acusado disse que o sangue encontrado no carro dele, não era de Thayná. "A polícia fez uma perícia falsa, falou que o sangue encontrado no meu carro era da Thayná. Mas era de uma menina que eu dei carona e cortou o pé".

Ademir vai a júri popular. Ele responde por homicídio qualificado, estupro de vulnerável, ocultação de cadáver e uso de documento falso.



ADEMIR escondeu o rosto

ENTENDA O CASO



THAYNÁ entrando em carro

Sequestro de Thayná

> EM 17 DE OUTUBRO DE 2017, Thayná é sequestrada e câmera de videomonitoramento registra o momento. Uma menina de 11 anos foi estuprada três dias antes.

Protestos da família

> NO DIA 6 DE NOVEMBRO, após fazer protestos na BR-101, Clemilda, mãe de Thayná, junto com familiares, foi para a frente ao Palácio Anchieta e cobrou por respostas sobre o para-

deiro da filha, que continuava desaparecida.

Carro do acusado

> AINDA NO DIA 6 DE NOVEMBRO, a polícia encontra o Gol prata usado no sequestro da menina.

Ossada encontrada

> NO DIA 10 DE NOVEMBRO, a polícia faz uma operação em Viana e a ossada de Thayná é encontrada, em um local deserto, no bairro Areinha.

Prisão de Ademir

> EM 14 DE NOVEMBRO, Ademir é preso em Porto Alegre e volta ao Estado. Ele negou ter estuprado Thayná e afirmou que a menina morreu após cair em uma lagoa.

Júri Popular

> EM MAIO, a juíza Jaqueline Teixeira da Silva decidiu que ele vai a júri popular, por homicídio qualificado, estupro de vulnerável, ocultação de cadáver e uso de documento falso.

QUEM MAIS FOI OUVIDO ALÉM DO PASTOR GEORGE



ADEMIR LÚCIO FERREIRA DE ARAÚJO

▼ **Idade:** 55 anos

▼ **Condenação:** Ademir foi condenado a 34 anos de prisão por estuprar uma menina de 11 anos, em um terreno no bairro Universal, em Viana. Os laudos periciais do caso comprovaram o crime. Até então, ele não admitia, mas acabou confessando durante depoimento da CPI dos Maus-Tratos.

▼ **Acusação:** Ademir ainda é apontado como o autor do estupro e assassinato da menina Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, três dias após o outro estupro, no mesmo local, em Viana. Laudos técnicos da Polícia Civil comprovaram o estupro de Thayná, visto que foram encontrados sêmen do acusado e sangue da menina dentro do carro utilizado por ele para sequestrá-la. Ele nega que tenha cometido o assassinato bárbaro, mas estava foragido quando foi apontado como autor do homicídio e foi preso no Rio Grande do Sul.

DINIZ HORÁCIO DA SILVA

▼ **Idade:** 47 anos

▼ **Acusação:** O ex-servidor público foi preso em flagrante, durante operação da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), em um bairro de Vitória, enquanto abusava de uma adolescente de 12 anos, dentro de um casa. A vítima alegou que foi aliciada e obrigada a fazer sexo, mediante pagamento de R\$ 50,00. O crime aconteceu no dia 8 de maio deste ano.

▼ **O que ele diz:** Apesar de ter sido pego em flagrante, ele afirmou que é inocente, pois diz que a menina alegou ter 18 anos e ser garota de programa. Também negou ter aliciado menores para sexo e afirmou ser vítima de uma armação política, por ser um líder comunitário que se candidataria a vereador em 2020. Segundo ele, vai provar a inocência e acredita que será livrado por Deus.



“ELA REPRESENTA TODAS AS MÃES”, DIZ CAPITÃO

A policial também tem filha e se colocou no lugar de Clemilda

▲ SULLIVAN SILVA
susilva@redgazeta.com.br

O depoimento da costureira Clemilda Aparecida de Jesus, mãe da menina Thayná, emocionou os presentes durante audiência da CPI dos Maus-Tratos na manhã de ontem. A dureza das palavras de Clemilda tocaram inclusive a capitã Ada Maria Carniato, da Polícia Militar. A capitã segurou as mãos da de Clemilda durante todo o relato e também chorou quando ouviu o apelo por respostas. Disse que ela representava uma preocupação de todas as mães.

“Eu tenho uma filha, de 15 anos. Mesmo sendo policial há 35 anos, eu sei que tudo o que ela falou é o que toda mãe preza para um filho, as recomendações, as orientações. Em uma situação dessa, a gente se lembra desse lado de mãe e se coloca no lugar dela, porque ela não está sozinha. É uma preocupação de todas as mães, ela está representando as mães como um todo”, relatou.

A capitã Ada por diversas vezes afagou os cabelos de Clemilda e tentou acal-

“

Em uma situação dessa, a gente lembra esse lado de mãe e se coloca no lugar dela, da Clemilda, porque ela não está sozinha”

— ADA MARIA CARNIATO
CAPITÃO DA PM

má-la. Ela contou que se preocupou em se desarmar antes de se aproximar dela, para garantir a segurança dos presentes na audiência.

“Só me preocupei em me desarmar para a segurança dela e de terceiros. A gente sabe que é um momento que transcende o raciocínio lógico. Pedi a sargento que estava comi-



Clemilda e a capitã Ada de mãos dadas: PM contou que deu abraço na costureira

CARLOS ALBERTO SILVA

go para se desarmar também. Tentei afagá-la, com carinho e proteção de mãe e de irmã”, afirmou.

A militar contou ainda que esta foi a primeira vez que teve contato com Clemilda. “Antes da audiência eu fui até ela, dei um abraço falei que eu me colocava na emoção dela. Eu disse que a filha dela tinha virado um anjo. Através do que aconteceu leis poderiam ser modificadas para que outros anjos não tivessem o mesmo destino. Dei um abraço nela. para tentar confortá-la”, lembrou.

Além da capitã, muitos outros presentes, entre membros da imprensa e espectadores, se emocionaram durante o depoimento de Clemilda.

GAZETA ONLINE
www.gazetaonline.com.br

VÍDEOS

Veja vídeos com os depoimentos prestados durante a CPI dos Maus-Tratos.

leia.ag/cpi

MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS

DE FRENTE PARA O ASSASSINO DA FILHA

Revoltada, mãe de Thayná desabafou ao encontrar Ademir

de VICTOR MUNIZ
vnelo@redgazeta.com.br

Um encontro marcado por revolta e, ao mesmo tempo, desabafo. Foi assim quando a costureira Clemlinda Aparecida de Jesus ficou de frente para o assassino da filha Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, ontem.

Em um dos casos mais emblemáticos do Estado dos últimos tempos, a menina foi sequestrada, estuprada e morta por Ademir Lúcio Ferreira, em novembro do ano passado, em Viana.

O encontro aconteceu na manhã de ontem, após os dois serem convocados para depor durante a CPI dos Maus-Tratos, no auditório do Ministério Público do Espírito Santo (MPES), em Vitória.

Clemlinda se mostrou

muito indignada com Ademir que, durante todo o tempo que esteve na sala em que são prestados os depoimentos, escondeu seu rosto e negou ter cometido o crime

“

Ele teve a coragem de estuprar, matar e colocar fogo nela. Ele é um monstro que merece sofrer”

—
CLEMLINDA APARECIDA
DE JESUS
MÃE DE THAYNÁ

contra a menina.

A mãe de Thayná, amparada por duas policiais militares, desabafou sobre a morte. “Ele tirou tudo dela, todos os sonhos, tudo. Ele teve a coragem de estuprar, matar e colocar fogo nela. Ele é um monstro que merece sofrer”, afirmou a mãe em depoimento.

A costureira ainda ressaltou que não consegue aceitar o fato da filha ter entrado no carro com Ademir, visto que ela sempre instruiu a estudante a não falar com desconhecidos. “Quero saber o que ele disse para minha filha. O que você disse para convencer ela a entrar naquele carro com você?”, indagou.

“Não era eu que estava naquele carro. Se puxar um zoom da câmera veria que era uma pessoa



Emocionada, Clemlinda foi amparada por policial militar durante depoimento

gorda de barba e branca. Perto dele sou um negro. Não tenho nada a ver com esse caso do bairro Universal”, afirmou.

Ele ainda continuou sustentando sua versão de defesa e afirmou que a perícia realizada pela Polícia Civil e o exame de DNA, que constatou que o sangue encontrado no carro era de Thayná, foram falsos.

“Os policiais roubaram minhas coisas, em Porto Alegre (RS). Eu fui

espancado e torturado, quase perdi um testículo. A polícia fez uma perícia falsa. Estou providenciando esclarecer isso. O sangue era da amiga da minha filha, que cortou o pé”, disse Ademir.

OUTRO CRIME

Apesar de negar a todo momento ter matado e estuprado a menina Thayná, Ademir acabou confessando ter estuprado uma outra garota de 11 anos, três dias antes do assassi-

nato da filha de Clemlinda.

Ele já foi condenado a 34 anos de cadeia por esse crime, mas nunca havia confessado à Justiça ou à polícia. Inclusive, no início do depoimento, disse que desconhecia o fato.

“Se eu errei, eu vou pagar. O outro processo, sim, fui eu. Mas esse da Thayná não fui e vou provar de todas as formas. Foi uma perícia falsa. Estou providenciando o sangue da pessoa que estava no meu carro”, declarou.

Acusado deu depoimento cobrindo o rosto com a mão

A todo momento, durante o depoimento na CPI, Ademir Lúcio Ferreira, acusado pelo estupro e morte de Thayná, manteve a mão na frente do rosto. Ele adentrou o auditório às 10h57, já com as mãos na frente da face, mesmo algemado. Se sentou e segurou o microfone com uma mão, enquanto se escondia com a outra.

O senador Magno Malta, presidente da CPI, leu os direitos dele e iniciou as perguntas. Ao questionar se sabia de quais crimes era acusado, foi recebido com iro-



À esquerda, Clemlinda, mãe da vítima, e à direita, escondendo-se com a mão, Ademir

nia. “Com quem eu falo, por gentileza? Não sei com quem eu estou falando. Não vou tirar a mão da fren-

te do rosto para não ser filmado e fotografado”, afirmou Ademir, que disse que não responderia a nenhuma pergunta.

Além disso, a todo momento Ademir ressaltou o fato de que teria sido agre-

dido e torturado após ser preso, apesar de, segundo ele, ser inocente.

“Eu já fui torturado, quebraram minha boca, me bateram tanto que estou perto de perder um testículo. Até que se prove o contrário eu não fiz nada”, falou.

As atitudes do acusado deixaram as autoridades e ouvintes com ar de revolta. Principalmente após o depoimento emocionado da mãe de Thayná.

Somente então Ademir resolveu falar alguma coisa e acabou, sem querer, confessando que estupro

a menina de 11 anos, três dias antes da morte de Thayná.

Segundo o titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, Lorenzo Pazolini, que acompanhou a CPI, a fala foi uma confissão e será usada no Judiciário. “Ele não confessou nem no inquérito e nem para a Justiça. Laudos periciais comprovaram o crime, mas ele negava. Foi muito importante essa confissão, ele agiu no mesmo local (Universal, Viana). Isso reforça que ele matou a Thayná também.”

MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS

“O direito das vítimas deve ser preservado. Isso está na internet, é difícil apagar.”

HUGO MATIAS
COORDENADOR DO NÚCLEO DA INFÂNCIA DA DEFENSORIA



“A exposição da família é um abuso contra as crianças.”

CALEB SALOMÃO PEREIRA
PROFESSOR DE DIREITO CONSTITUCIONAL



DEFENSORIA REPUDIA EXPOSIÇÃO DE ACUSADOS

Órgão criticou transmissões de depoimentos pelo Facebook

▲ NATALIA BOURGUIGNON
▲ LARA ROSADO

A Defensoria Pública do Espírito Santo repudiou a divulgação da imagem de envolvidos em crimes sexuais contra crianças e adolescentes que ocorreu durante as audiências da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos. Para o órgão, a transmissão ao vivo de detalhes dos casos fere ainda o Estatuto da Criança e do Adolescente que garante o direito à intimidade, vida privada e honra das vítimas menores de idade.

“É preciso que os direitos sejam preservados, não só dos acusados, mas principalmente das crianças”, afirmou Roberta Ferraz, coordenadora criminal e de execução penal da Defensoria Pública.

As tomadas de depoimento aconteceram na quinta-feira (24) e ontem no auditório do Ministério Público, em Vitória. De acordo com Roberta, os acusados pediram, antes dos depoimentos, para não terem suas imagens divulgadas, mas não foram atendidos. “Eles têm esse direito garantido pela Constituição. Quando começou a CPI eu registrei em ata, conversei com o delegado, com o senador, e assegurei que nenhuma das pessoas queria que a imagem fosse fornecida”, explica.

No entanto, os dois dias de oitivas da CPI foram transmitidos ao vivo pelo Facebook do senador Magno Malta. Alguns trechos também foram transmitidos na página do delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança



Avó de bebê deixado na BR depõe: proteção é para evitar identificação da vítima

Inquérito que apura as mortes ainda não foi concluído

▲ O inquérito que apura a morte dos meninos Joaquim Alves Salles, de 3 anos, e Kauã Salles Butkovsky, de 6, ainda não foi concluído pela Polícia Civil. Informações obtidas pela reg-

portagem é de que ele ainda permanece em Vitória, com os delegados da força-tarefa que apuram o caso. Em coletiva a polícia já adiantou que aponta o pastor Georzeval Alves dos Gonçalves

como autor dos crimes. Quando o material for concluído, terá que passar pelo Ministério Público Estadual, que terá prazo de cinco dias para denunciar, ou não, o indiciado.

e ao Adolescente.

“É preciso ter cuidado para que o próprio processo não seja violador de direitos”, explicou o Coordenador do Núcleo da Infância da Defensoria Pública, Hugo Matias.

CURIOSIDADE

O defensor afirmou ainda que entende a curiosida-

de da população em relação a esses crimes, mas ressaltou que as vítimas devem ser preservadas em qualquer circunstância, especialmente quando são crianças.

“É claro que é chocante, as pessoas têm curiosidade, mas os direitos das vítimas precisam ser preservados. Isso está na internet, é difícil apagar”,

concluiu.

Segundo Roberta Ferraz, caso os detidos queiram, eles podem pedir indenização pois tiveram suas imagens expostas na internet sem seu consentimento.

ABUSO DE PODER

Para o professor de direito constitucional da

DIREITO

“Quando começou a CPI, eu registrei em ata, conversei com o delegado, com o senador, e assegurei que nenhuma das pessoas queria sua imagem fornecida”

ROBERTA FERRAZ
DEFENSORIA PÚBLICA

FDV, Caleb Salomão, a exposição dos depoimentos nas redes sociais é um ato de inconstitucional, ilegal e representa um abuso de poder por parte do senador Magno Malta.

“As crianças jamais devem ser expostas. A proteção da criança tem base constitucional, tem uma dignidade a ser preservada. A criança é vulnerável, indefesa”.

Além da Constituição, o especialista destacou que o Estatuto da Criança e do Adolescente também determina a preservação da criança, sobretudo quando ela é exposta de forma negativa.

“O Magno Malta contrariou a lei e é um ato abusivo. Ele vive com essa imagem de combater a pedofilia e os maus tratos e faz uma CPI itinerante como se fosse um circo de horrores. O ato até pode ser um jogo político, mas é preciso que seja nos limites da lei”.

O professor ressaltou que a proteção da criança precisa se estender aos familiares para que ela não seja identificada pela via indireta. “Expor a família inteira é um abuso contra a criança”.

Senador defende modo de ação da CPI

▲ Questionado sobre o risco da exposição dos presos e, principalmente das crianças envolvidas em crimes de abuso sexual, o senador Magno Malta, presidente da CPI dos Maus Tratos afirma que a proteção só é garantida para as crianças. Segundo ele, os familiares já foram revelados quando aconteceram as prisões dos suspeitos de envolvimento nos crimes.

“Essas prisões todas que aqui estiveram vocês (imprensa) publicaram. Já estavam expostos no seu papel antes de eu falar. Tudo na vida é feito da regra para exceção e não da exceção para a regra”, afirmou. Já o delegado Lorenzo Pazolini informou que não vai se manifestar sobre as publicações.

O senador Magno Malta ressaltou a importância dos depoimentos e de todo o processo realizado nos últimos dois dias. Ele afirmou que a Comissão vai propor alterações no código penal.

“Disso tudo brota proposição legislativa. Fica mais latente agora a necessidade de a população brasileira discutir e efetivar a prisão perpétua. Esse tipo de pessoa é compulsiva, não pode ir para a rua”, afirmou.

Malta ainda explicou que no caso da CPI ele, como presidente, tem poder para intimar pessoas e até mesmo realizar quebras de sigilos.

vvoagas@redegazeta.com.br Tel: 3321-8319

VITOR VOGAS

PRAÇA OITO



É hoje que termina o prazo de homologação do concurso de 2014 do TJES para juizes substitutos. O presidente, Sérgio Gama, não vai mesmo nomear 14 candidatos aprovados. Decisão final.

Circo dos horrores

Ao abrir os trabalhos da CPI dos Maus-Tratos a Crianças e Adolescentes na manhã de ontem, o senador Magno Malta (PR) gastou quase 15 minutos rebatendo a crítica feita aqui ontem à postura mantida por ele à frente dessa Comissão Parlamentar de Inquérito (embora sem citar a coluna nem o colunista).

Em síntese, o que havíamos afirmado é que as audiências da CPI em Vitória, para tomada de depoimentos de acusados em uma série de casos que chocaram a opinião pública e ganharam grande repercussão na mídia, não serviriam a ninguém além do próprio Magno, especialista em transformar esses momentos em grandes espetáculos a fim de tirar o melhor proveito político da situação para si mesmo.

“Má-fé”, segundo o senador, teria vindo o colunista. A expressão foi usada pelo menos cinco vezes, mas ele deu outras opções: “Ou é má-fé, ou maldade, ou falta de conhecimento. Os avanços da nação brasileira se devem à CPI da Pedofilia”, declarou, grandiloquente. Também classificou nossas observações como “ataques gratuitos”. “O que me choca é ver pessoas que escrevem em jornais com má-fé ou falta de conhecimento, e não sei por que os ataques gratuitos.”

O senador também nos dirigiu palavras de didatismo: “Gostaria mais uma vez de esclarecer às pessoas o que é e o que significa uma CPI. Alguns conhecem, sabem o que significa, quais são suas atribuições. Outros sabem e fingem não saber para escrever maledicências.” E tratou de ensinar: “Uma CPI tem poder de polícia e poder de Justiça”. “Atitudes tomadas por uma CPI não dependem do Judiciário e não dependem de ninguém além de si mesma.” E por aí foi, tornando sempre ao mote da “má-fé”.

Má-fé, vejam bem, teria havido se tivéssemos inventado algo. Má-fé teríamos

praticado se tivéssemos distorcido os fatos. Mas reparem: o que se viu ontem na audiência da CPI confirma exatamente o que se escreveu aqui ontem. Tudo aconteceu precisamente como havíamos previsto. E quem tratou de dar razão à nossa análise foi o próprio Magno Malta – não por meio de suas palavras, mas de seu comportamento na sessão.

Na coluna de ontem publicamos: “É bem possível que a audiência se transforme em mais um triste espetáculo, como outras da mesma comissão. Instalada em 2017, essa CPI é, desde o início, o ‘Show de Magno’”. Pois bem, o que se viu ontem durante a tomada de depoimentos no auditório do MPES foi, sem tirar nem pôr, mais um “Show de Magno”. Mais um triste espetáculo solo, protagonizado pelo senador. Mais um “freak show”, em benefício de quem mesmo?

Viu-se, mais uma vez, a exploração de dramas e sofrimentos humanos com fins eleitoreiros e de autopromoção.

Viu-se uma espetacularização midiática absurda da tomada dos depoimentos, começando pela assessoria do senador.

Viu-se a exposição indevida de acusados, de parentes de vítimas e, consequentemente, das próprias vítimas, em processos que deveriam permanecer sob sigredo de Justiça.

É bom lembrar que estamos tratando de menores de idade, cuja identidade deveria ser preservada, conforme preconiza o Estatuto da Criança e do Adolescente. Mas, ao se identificar, se expor e se fazer estardalhaço em torno da figura da mãe e do avô de uma vítima, por exemplo, como se fez, essa criança por acaso tem alguma chance de permanecer não identificada?

Viu-se, enfim, lamentavelmente, a

transformação de uma CPI que trata de tema tão grave e delicado em um palanque para a prática desenfreada de proselitismo religioso e da politicagem mais ultrapassada que existe no Brasil.

Então, não houve má-fé alguma. O que houve foi uma análise crítica do comportamento e da atuação parlamentar do senador, o apontamento de possíveis problemas jurídicos e, acima de tudo, dos possíveis problemas políticos que cercaram essas audiências em Vitória.

Por isso, agradecemos o senador pelos esclarecimentos sobre o que significa uma CPI. Com Magno à frente, no entanto, essas comissões parlamentares ganharam outro significado. E, após o que se viu ontem em Vitória, negar o caráter eleitoreiro e autopromocional da CPI presidida por Magno é abusar da paciência e maltratar a inteligência alheia.



CENA POLÍTICA

Duas raposas políticas de pelo lustroso trocavam impressões sobre a política capixaba, até que a conversa resvalou para a CPI dos Maus-Tratos. “Tem político no Espírito Santo que

é o rei dos dramas”, comentou a primeira raposa, ainda filhote. A outra, mais vivida, foi implacável: “E tem político no Espírito Santo que é o rei das tramas”.

Nota de repúdio

Não por acaso, a Defensoria Pública do Espírito Santo publicou, ontem à tarde, uma nota de repúdio aos trabalhos da CPI dos Maus-Tratos, alegando a violação de uma série de garantias individuais. A entidade defende que é realmente necessário debater, inclusive no âmbito do Senado, sobre os maus-tratos cometidos contra crianças e adolescentes, até porque o Brasil é signatário de diversos documentos internacionais de proteção e defesa dos direitos da criança e do adolescente.

Direitos das vítimas

“Contudo”, ressalvam, “em toda atividade estatal, não se admite a fragilização de direitos e garantias fundamentais da população – em destaque o direito à imagem e à intimidade –, notadamente aqueles garantidos pelo chamado sigredo de Justiça. Esses direitos não assistem apenas aos investigados, aos acusados e condenados de prática de crimes, mas também, e especialmente, às crianças vítimas, art. 190-E da Lei 13.441/2017, resultado da CPI da Pedofilia do Senado de 2008”.

Espera, volta um pouco!

Ou seja, segundo a Defensoria Pública, Magno não observou o que diz a lei resultante de sua própria CPI anterior.

Recomendação

Em razão disso, a instituição “recomenda que os trabalhos da CPI dos Maus-Tratos observem os princípios e garantias fundamentais ligados ao sigredo de Justiça dos processos envolvendo crianças e adolescentes vítimas de agressões, crimes e maus-tratos”.

Contradição

Para contestar nossa alegação de que a CPI está sendo usada com fins político-eleitorais, Magno passou os 15 minutos iniciais da audiência enumerando resultados das CPIs do Narcotráfico e da Pedofilia e mudanças na legislação aprovadas a partir dos trabalhos dessas comissões. Ou seja, enaltecendo o próprio trabalho. O palanque começou ali.

MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS



George saiu da sala de audiência como entrou: algemado e de cabeça baixa



Suas algemas foram retiradas um pouco antes de ser iniciado o depoimento

PASTOR DIZ QUE FOI ABUSADO NA INFÂNCIA

Em fala à CPI dos Maus-Tratos, ele negou ter estuprado e matado os filhos

▲ VILMARA FERNANDES
vfernandes@redgazeta.com.br

Quando ele entrou no auditório lotado, o silêncio imperou. Muitos celulares empunhados tentavam filmar a primeira aparição pública de Georgeval Alves Gonçalves após ser apontado pela polícia como o autor das mortes do filho Joaquim Alves Salles, de 3 anos, e do enteado Kauã Salles Butkovsky, de 6. Em depoimento, revelou: foi abusado sexualmente quando criança.

O testemunho ocorreu na tarde de ontem, em audiência da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos, presidida pelo senador Magno Malta. Conhecido como pastor George, ele foi levado para prestar esclarecimentos sobre as mortes, ocorridas em 21 de abril, em Linhares,

Norte do Estado.

Uma de suas primeiras revelações foi a do abuso que sofreu quando menino. “Mas não tenho traumas no presente”, relatou, acrescentando que não conheceu sua mãe e que foi criado pelo pai e avós.

LAMENTO

Seu único arrependimento nos fatos que o envolvem, assegurou, foi não ter demonstrado o sentimento de dor que teve pela morte das crianças. “Errei ficando quieto, mas choro até hoje”, desabafou. Foi a resposta a um vídeo exibido em que ele a esposa, a pastora Juliana Salles, mãe dos meninos, aparecem em uma lanchonete, comendo, no dia da morte das crianças.

Kauã e Joaquim foram ví-

“

Eu não bati nos meus filhos, eu não estupro eles, eu não coloquei fogo neles. Eu não fiz isso. Eu não estou mentindo”

— GEORGE ALVES
PASTOR

timas de um incêndio criminoso, segundo a perícia policial e dos bombeiros. Antes da morte, apontam, teriam sido vítimas de abuso sexual e de agressão. Foram colocadas no quarto, onde o pastor teria atado fogo.

Fatos que George negou durante seu depoimento. “Eu não bati nos meus filhos, eu não estupro eles, eu não coloquei fogo neles. Eu não fiz isso. Eu não estou mentindo”, declarou. Em outros momentos, com um contido choro, voltou a afirmar: “Eu não fiz isso, eu não fiz isso. Eu não fiz nada. Eu não matei meus filhos”.

Declarou também ser mentira o resultado de um exame da perícia, apresentado pelo relator da CPI, que aponta ter sido encontrado vestígios de PSA (substância presente no sêmem huma-



no), nas crianças. “Eu não abusei dos meus filhos.”

COMPORTAMENTO

Georgeval chegou na sala de audiência usando o uniforme azul dos presídios capixabas, com um colete e de chinelo preto. Ao entrar, foi permitido a ele conversar com seus advogados, o casal Elenilda da Silva e João Batista Santiago. Eles substituíram seus advogados mineiros que não conseguiram chegar a tempo em decorrência da greve dos caminhoneiros.

Permaneceu o tempo todo com o semblante aprensivo, com as sombrancelhas enrugadas, principalmente quando negava as acusações. Em alguns momentos, se emocionou. Ocorreram poucas manifestações no auditório durante a sua fala.

Relatou à CPI que veio para o Espírito Santo trabalhar como cabeleireiro onde atuou por três meses. Disse que se casou com a pastora Juliana Salles em Linhares, cidade onde teve um encontro com Deus e começou a



FERNANDO MADEIRA

Durante todo o tempo na CPI, acusado manteve semblante apreensivo



FERNANDO MADEIRA

Em momentos raros, apresentou um choro contido, negando os crimes



FERNANDO MADEIRA

Com o olhar fixo, o pastor George se recusou a responder a algumas perguntas

ministério há três anos, a Igreja Batista Vida e Paz.

PREGAÇÃO

Para tentar obter informações de George, Magno Malta, usou palavras e citações bíblicas. Mas o pastor manteve o olhar fixo, balançando a cabeça negativamente, alegando que não teve surto quando o incêndio ocorreu e que pediu socorro a quem passava pela rua.

Perguntado sobre as queimaduras nos pés, relatou que foram enfaixados pelos bombeiros e que no dia se-

guinte procurou um posto de saúde porque cuspiu secreção de fuligem. A ele foi pedido que mostrasse os pés, que, segundo o senador, não apresentavam marcas de queimaduras.

Passava das 15h quando a audiência foi encerrada. O senador alertou o pastor de que poderia ser convocado para um novo depoimento. George, que vem sendo ameaçado de morte por outros detentos no presídio, deixou a sala como entrou: algemado e de cabeça baixa.

“

Errei ficando quieto, não demonstrando dor, mas choro pela morte dos meus filhos”

— GEORGE ALVES
PASTOR

Juliana não vai a depoimento

Informação é que mãe dos meninos estava medicada e que não sai do seu quarto

« A pastora Juliana Salles, esposa de George e mãe dos irmãos mortos Kauã, de 6 anos, e Joaquim, de 3, também foi convocada para a CPI dos Maus-Tratos ontem, mas não compareceu porque estava medicada.

A informação foi dada pelo senador Magno Malta, que preside a CPI. Segundo pessoas ligadas à família dela, que pediram para não serem identificadas, Juliana está deprimida e não sai do quarto.

Ela passa a maior parte do dia reclusa, sem conversar com ninguém. “Juliana não está bem emocionalmente, passa por um momento muito difícil. Não sai de casa para nada. A última vez foi para ir ao velório dos filhos”, contou uma fonte.

Além disso, a pastora não fala sobre as acusações contra George nem com a família. “Nem contra, nem a favor, ela não se pronunciou. Está traumatizada porque soube de tudo pela televisão. Foi um choque muito grande”, revelou.

RETORNO

A Igreja Batista Vida e Paz, no bairro Interlagos, em Linhares, vai voltar a



CARLOS ALBERTO SILVA - 10/05/2018

A pastora Juliana Salles estaria muito abalada

ter cultos ministrados no local. O templo estava fechado desde o começo do mês por motivos de segurança, após a prisão do pastor George Alves.

Procurado pela reportagem, o pastor Abisai Júnior, que atua na Igreja Batista Vida e Paz de Conceição da Barra, confirmou a volta dos cultos em Linhares. “A igreja não cometeu crime algum”, justificou. Perguntado se foi contratada segurança particular para garantir a tranquilidade dos fiéis, Abisai não respondeu.

Uma placa de identificação, com o nome do templo, foi recolocada acima do por-

tão. No banner, estão o nome da igreja, os dias de culto (quarta-feira e domingo) e o endereço da página no Facebook. Além disso, a corrente e o cadeado que trancavam o local foram retirados.

As placas haviam desaparecido no último dia 10, quando Kauã e Joaquim foram enterrados. Na ocasião, uma fonte havia revelado que os fiéis fecharam o galpão onde fica o templo e estavam se reunindo aos domingos nas casas de membros da igreja, pois estão com medo de retaliação desde que o local foi depredado. (Com informações de Loreta Fagionato)

MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS

“VERME”, DIZ PAI DE KAUÃ SOBRE PADRASTO

Rainy Butkovsky afirma ter sofrido com revelações do crime

de FÁBIO LINHARES

“Só tenho lembranças boas com ele. Vou guardar ele como um anjo. Ele e o Joaquim, dois anjos.” É assim que Rainy Butkovsky – pai de Kauã Salles Butkovsky, de 6 anos – vai se lembrar do filho e do irmão dele, Joaquim Alves Salles, 3, mortos em Linhares após serem estuproados, agredidos e queimados por Georgeval Alves, pai de Joaquim.

Em entrevista, Rainy Butkovsky contou como se sentiu ao receber o resultado das investigações policiais e falou dos planos para o futuro. Confira:

Investigações

“Nessa jornada de mais de 30 dias a família sofreu bastante a cada dia, esperando a notícia, a resolução do caso para saber o que realmente aconteceu. Esses dois dias estão sendo os mais difíceis. Receber a notícia de que esse verme cometeu tamanha brutalidade com essas duas crianças tem me feito sofrer muito, assim como a minha família e também a sociedade. Todo sofrimento que a sociedade está passando, é o sofrimento que tem aqui no meu coração e toda a cadeia é pouca pra esse cara, esse cara não, esse verme.”

Mudança

As pessoas estavam apontando ele e no começo, pra mim, não tinha sido ele. Depois, com a prisão dele, comecei a ver que ele tinha

“Receber a notícia de que esse verme cometeu tamanha brutalidade com essas duas crianças tem me feito sofrer muito”

RAINY BUTKOVSKY



IMAGEM TV GAZETA



ARQUIVO PESSOAL

Rainy com o filho, Kauã: “Vou guardá-lo como anjo”

feito alguma coisa com essas crianças, comecei a pensar e a enxergar as coisas, aí que eu pude ver que realmente tinha sido ele. Não tem como deixar duas crianças serem queimadas dentro de casa sem fazer nada. Aparecer com uma queimadura no pé ou na mão. Na hora que meu filho tinha morrido, eu não tinha o pensamento de que ele poderia ter matado o meu filho. Eu não cheguei nem a olhar as mãos dele, os pés dele se estavam queimados.

Parabéns a todas as autoridades que estão nessa investigação e conseguiram

realmente passar para gente, para a sociedade, para a família que está vivendo num coração só. Muita gente não estava querendo acreditar que tinha sido esse verme que tinha feito isso ou que ele tivesse feito alguma coisa que não passasse de uma tragédia.

Futuro

“Eu não tenho uma ideia fixa, mas procurarei pessoas que possam me ajudar para desenvolver um projeto, alguma ONG, ajudar crianças que conviveram com maus-tratos. Eu não sei o que é pior, se é a morte

ou se é a pessoa ter que seguir a vida com um fato desse. Espero poder fazer alguma coisa para ajudar essas crianças.”

Lembranças

“Só tenho lembranças boas com ele. Vou guardar ele como um anjo. Ele e o Joaquim, dois anjos. Eu sei que eles estão olhando por mim agora e vão continuar guiando meus passos e a cada dia vão dar conforto. Vamos vencer, eu, meus familiares e todos que continuam e que vão continuar sofrendo com essa perda”.

Avó não consegue assistir a depoimento

A avó paterna de Kauã, 6, a comerciante Marlúcia Butkovsky, tentou acompanhar o depoimento do pastor George Alves na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos na sede do Ministério Público do Espírito Santo, em Vitória, na tarde de ontem. Ela disse que queria ouvir de perto as declarações dele, apontado

pela polícia como abusador e assassino do neto de Marlúcia e o do próprio filho, Joaquim, 3. Entretanto, atrasada por causa de compromissos profissionais, apenas o viu sair do local na viatura policial.

“Eu vi um camburão saindo e tudo indica que era aquele monstro que estava saindo junto da polícia. Eu

vim aqui para ouvir pessoalmente o que ia falar. E para pedir justiça. Justiça pelo meu neto Kauã e seu irmão Joaquim”, disse Marlúcia emocionada.

A avó mora em Laranjeiras, na Serra. Viu pela televisão que George iria depor na CPI. “Eu e minha sobrinha viemos de Laranjeiras para ver se a gente conse-

guia alcançar e assistir alguma coisa. Ter uma noção do que ele ia falar pessoalmente”, afirmou.

Marlúcia afirma ainda que espera por justiça e que vai atuar no combate a pedofilia no Estado. “Meu neto não é filho daquele monstro. Fico indignada quando falam que é filho daquele homem”, relatou.



FERNANDO MADEIRA

Marlúcia Butkovsky se emocionou ao chegar ao local

MAUS-TRATOS CONTRA CRIANÇAS

GEORGE PROPÔS PERDÃO A ESTUPRADOR

Em vídeo de culto, pastor diz que é preciso “mente renovada”

▲ LORETA FAGIONATO

Em um vídeo que circula na internet, gravado durante um culto na Igreja Batista Vida e Paz, em Linhares, o pastor George Alves, apontado pela polícia como autor das mortes do filho Joaquim Alves Salles, de 3 anos, e do enteado Kauã Salles Butkovsky, de 6, afirma que quem tem uma mente renovada perdoa um homem que estupra uma criança. George liderava o templo ao lado da esposa, a pastora Juliana Salles.

O pastor inicia a pregação dizendo que “ter uma mente renovada é deixar Deus fazer a vontade dele”. Então, ele pede para Juliana, que estava sentada em uma

cadeira no canto do palco, levantar. Quando ela levanta, o marido começa a explicar o que seria um “ápice extremamente renovado”.

“Juliana sai, vai comer com as amigas em uma pizzaria e lá vem um rapaz. Esse rapaz seduz, flerta com ela e ela cai. Uma mente renovada vai perdoar a Juliana, restabelecer a vida e continuar o casamento. (...) Se a Juliana, minha esposa, hoje me trai, eu perdoar ela. É a minha vontade? Não. É a vontade de Deus pra mim”, afirma George.

EXEMPLOS

Em seguida, ele dá mais um exemplo. “Ah, pastor, mas eu não sou casado”. Então, está bom.

ABUSO

“Tem um homem atrás de uma árvore estuprando uma criança. Você vê aquilo. O que é uma mente renovada? É você olhar aquele homem e perdoar ele”

GEORGE ALVES
PASTOR

Você está passando na rua e quando você olha tem um homem atrás de uma árvore estuprando uma criança. Você vê aquilo. O que é uma mente renovada? É você olhar aquele homem e perdoar ele. É ver nele um cara que ainda não entendeu, não



REPRODUÇÃO/VÍDEO

O pastor, no vídeo, fala que estuprador ainda não conseguiu servir a Jesus

conseguiu servir a Jesus. É você ver aquele cara e ver que ele está sem salvação. Tem essa mente? Você tem a mente de Jesus?”, questiona o pastor aos fiéis durante o culto.

O vídeo com a pregação do pastor George foi postado na manhã da última quinta-feira e, até a tarde de ontem, já tinha 200 mil visualizações e mais de 3.400 compartilhamentos.

Segundo a pessoa que postou o vídeo, o culto foi gravado dias antes do incêndio que matou Kauã e Joaquim na casa onde os irmãos moravam com a família, em Linhares, no Norte do Estado. A igreja está localizado no bairro Interlagos.

Igreja paulista nega que casal seja membro

▲ O pastor da Igreja Batista das Nações, em São Paulo, garante que George Alves, acusado de matar o filho e o enteado em Linhares, não era membro de sua igreja. A instituição foi citada pelo investigado durante depoimento prestado na manhã de ontem, na CPI dos Maus-Tratos.

De acordo com o pastor-presidente da Igreja Batista das Nações, Valmir Ferreira, há quatro anos ele recebeu em um dos cultos um casal. Com eles estavam uma criança e a mãe estava grávida. “Eles nos procuraram como outras pessoas e

aceitaram Jesus. Conosco ficaram por uns sete meses, mas nunca fizeram parte do rol de membros da nossa igreja. Eram fiéis”, relatou.

Ferreira explicou que, por não serem casados oficialmente não chegaram nem mesmo a serem batizados. E em função disso, também não poderiam pleitear nenhum cargo na igreja. “Temos pastores em nossa igreja que levaram 20 anos para conquistar o posto, pois não depende apenas de conhecimento, mas de demonstrar ainda uma vida de caráter”, relata o pastor Ferreira.

CPI DOS MAUS-TRATOS

Pastor nega que cometeu crimes

Em depoimento, Georgeval Alves disse que não estuprou e não matou o filho Joaquim, de 3 anos, e o enteado Kauã, 6, em Linhares

Kananda Natielly
Tais de Holanda

O acusado de estuprar, agredir e colocar fogo nas crianças Joaquim Alves Sales, de 3 anos, e Kauã Sales Butkovsky, 6, ainda vivas, Georgeval Alves Gonçalves, 36, conhecido como pastor George, foi levado à Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos do Senado Federal, na tarde de ontem, e negou todos os crimes dos quais é acusado.

A presença do pastor foi solicitada na sala da sessão, no Ministério Público do Estado, pelo presidente da CPI, o senador Magno Malta, às 13h40. George entrou no local com um colete à prova de bala e olhando para o chão.

No início do interrogatório, o senador Magno Malta perguntou sobre a vida do pastor. George, inicialmente, respondeu às perguntas, mas disse que preferia ficar em silêncio sobre as questões pertinentes sobre as causas das mortes das duas crianças, o enteado Kauã e o filho Joaquim.

"Eu não fiz nada! Eu não estupei os meus filhos. Eu não botei fogo nos meus filhos. Eu não bati nos meus filhos. Eu não fiz nada disso. Eu sou inocente!", afirmou o pastor George Alves aos membros da Comissão e convidados.

Durante a sessão, o pastor surpreendeu a todos ao responder a pergunta do senador Magno Malta se ele havia sofrido abusos sexuais durante a infância. George

"Eu não estupei os meus filhos. Eu não botei fogo nos meus filhos. Eu não bati nos meus filhos. Não fiz nada disso. Eu sou inocente"



GEORGEVAL ALVES foi interrogado pelo senador Magno Malta na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos do Senado, em Vitória

afirmou que sim.

Durante o interrogatório, o pastor em alguns momentos demonstrava estar emocionado.

A Tribuna acompanhou o depoimento e transcreveu os principais trechos.

SENADOR MAGNO MALTA - Você é natural de onde?

PASTOR GEORGE ALVES - Sou de São Paulo.

> Antes de se mudar para o Estado, morava aonde?

Em São Paulo mesmo.

> Está há quanto tempo aqui no Espírito Santo?

Mais ou menos quatro anos.

> Você tem alguma formação?

Tenho nível técnico.

> Trabalhou com o que lá em São Paulo?

Fui técnico em uma empresa de química e cabeleireiro em alguns salões de beleza em Santo André, São Paulo.

> Há quanto tempo o senhor trabalha como cabeleireiro?

Há 24 anos.

> Qual sua religião?

Sou cristão evangélico.

> E sua mãe, como foi a convivência com ela?

Eu não a conheci.

> Foi criado por quem?

Meu pai e meus tios e tias.

> Eles eram evangélicos?

Minha avó era evangélica.

> E você, quando se converteu?

Há 5, 6 anos, mais ou menos.

> Conheceu o evangelho na infância?

Sim.

"Eu sinto até hoje a perda dos meus filhos. Eu choro todos os dias pela morte dos meus dois filhos"

> Você tinha vida normal antes de ser evangélico?

Sim.

> O senhor bebia?

Não.

> Conheceu as drogas?

Conheci.

> Com que idade?

Não lembro.

> O que você usou?

Prefero não responder.

> Qual igreja você frequenta lá em São Paulo?

Batista das Nações.

> O que te levou para Linhares?

Acho que foi Deus que me trouxe para cá.

> Quando saiu de São Paulo, deixou dívidas?

Não! Fechei o salão e vim para o Espírito Santo.

> Teve alguma pendência com algum banco?

Não me recordo.

> Não teve uma pendência de R\$ 33 mil?

Não me recordo, porque eu fechei os salões. Não me recordo.

> Chegou a fazer empréstimo?

Não. Não lembro de ter feito empréstimo nenhum.

> Foi para Linhares para trabalhar com o que?

Cabeleireiro, a princípio.

> E trabalhou quanto tempo?

Trabalhei três meses.

> Como decidiu ir para o ministério sacerdotal?

Tive um encontro com Deus e lá eu recebi meu chamado. Eu resolvi assumir o ministério. Cuidar de pessoas.

> Parou com o salão?

Sim, parei.

> E sua esposa, é cabeleireira também?

Ela trabalhou com salão.

> Vocês se casaram aqui ou em São Paulo?

Aqui no Estado, em Linhares.

> Sua igreja tem quantos anos?

Possui três anos.

> Há alguma coisa que você fez que se arrepende?

Eu me arrependo de não ter colocado para fora o que eu realmente estava sentindo.

Me arrependo de não ter demonstrado a dor que eu sinto até hoje pela perda dos meus filhos, de não ter passado isso.

Eu me arrependo sim. Eu deveria ter ficado quieto. Ficado tranquilo, porque eu sinto até hoje a perda dos meus filhos. Eu choro todos os dias pela morte dos meus dois filhos.

"Me arrependo de não ter demonstrado a dor que eu sinto até hoje pela perda dos meus filhos, de não ter passado isso"



ACUSADO é conduzido por agentes penitenciários para a sala onde ocorria a sessão da CPI. Pastor George entrou de cabeça baixa e usando um colete à prova de balas

CPI DOS MAUS-TRATOS

Acusado diz que sofreu abuso sexual na infância

> **Você tem chorado?**
Todos os dias.

> **O senhor pode explicar por que tinha sangue das crianças na sua residência?**
Não quero responder.

> **A polícia disse que nos exames feitos nas crianças, foi constatado que elas foram estupradas. Você foi abusado na infância?**
Sim, eu fui!

> **Sobre o sangue, a polícia diz que foi encontrado sangue na sua casa e que ele era de seus filhos. Você pode explicar?**
Não quero responder.

> **A polícia disse que uma proteína do seu organismo foi encontrada nas cavidades de suas crianças. Como explica isso?**
Isso é mentira. Eu não fiz isso! Eu não matei os meus filhos. Eu sou inocente. Eu não fiz nada.

> **Você surtou?**
Eu não surtei não (silêncio). Eu não estupro os meus filhos. Eu não botei fogo nos meus filhos. Eu não bati nos meus filhos. Não fiz nada disso. Eu sou inocente!

> **Lembra se seus filhos se machucaram antes da tragédia?**
Eu não fiz nada disso.

> **Vocês tiveram outro filho?**
Sim. Uma menina.

> **Morreu de que?**
Morreu de doença no intestino.

> **Ela tinha que idade?**
Três meses.

> **Morreu lá em Linhares?**
Em Governador Valadares. Nós tínhamos ido a um encontro, ela passou mal e quando chegou ao hospital morreu.

> **O que está vivo tem quantos anos? Ele está com a mãe?**
Um ano. Sim, está.

> **No dia da tragédia, quem chamou o bombeiro?**
Eu sai gritando e alguém lá cha-



AGENTE penitenciário retira algemas do pastor George no início da sessão

mou o bombeiro que fica perto da minha casa.

> **Você saiu gritando o quê?**
Eu gritava para alguém me ajudar. Pedia socorro mesmo.

> **Sua esposa sabia tudo sobre você?**
Sim, sabia.

> **As crianças morreram abraçadas?**
Não sei.

> **Mas você disse em entrevista que estavam abraçados. Como não sabe?**
Eu não sei. Disseram que sim, mas eu não vi.



Pregação sobre estupro

Em um vídeo que vazou nas redes sociais como um dos últimos cultos do pastor George Alves antes do crime, ocorrido no último dia 21 abril, ele pregou sobre o que seria a mente renovada, e chegou a falar em perdão em casos de traição no casamento e até de estupro.

"Você está andando na rua e

quando olha tem um homem casa- do atrás da árvore estuproando uma criança. O que é uma mente renovada? É você olhar aquele homem e perdoar ele. E ver nele um cara que ainda não conseguiu entender, não conseguiu discernir Jesus. É você ver aquele cara e ver que ele precisa de salvação", disse.

SAIBA MAIS

Crimes

> **O PASTOR** George Alves Gonçalves será indiciado por duplo homicídio triplamente qualificado e duplo estupro de vulnerável pelas mortes de Joaquim, de 3 anos, e Kauã, de 6.

Condenação

> **CASO SEJÁ CONDENADO** por todos os crimes, ele pode pegar até 126 anos de prisão.

Agravantes

> **EMPREGO** de fogo.

> **TER**, supostamente, impossibilitado a defesa das vítimas.

> **COMETIDO** o crime por motivo fútil.

> **PESA** ainda contra o pastor o fato de ser pai e padrasto das vítimas, ou seja, ambos estarem sob sua guarda, e terem menos de 14 anos.

> **O PASTOR** ainda adulterou as cenas do crime e coagiu testemunhas.

Legislação

> **ELE** não deixaria a prisão antes de cumprir os 30 anos que a lei prevê.

Fonte: Polícia Civil.



MARLÚCIA BUTKOVSKY: "Eu vim porque queria olhar no olho dele"

"Monstro", diz avó de Kauã

Muito emocionada, a avó paterna de Kauã Sales Butkovsky, de 6 anos, vítima do incêndio que também matou seu irmão, Joaquim Sales Alves, 3, compareceu, na tarde de ontem ao Ministério Público do Estado, na sessão da CPI que interrogou o pastor George Alves, acusado pelas mortes.

A comerciante Marlúcia Butkovsky, de 56 anos, aos prantos, contou que foi à sessão, pois queria estar frente a frente com o pastor. "Eu vim porque queria olhar no olho dele. Infelizmente, quando eu cheguei, já tinha acabado o interrogatório e só consegui vê a viatura saindo com ele. Ele é um monstro", disse Marlúcia.

A comerciante contou também que mesmo com tanta dor, a família de Kauã, inclusive o pai do menino, o também comerciante Rainy Butkovsky, 31 anos, que não po-

de estar na CPI, deseja abraçar a causa contra a pedofilia.

"Ele chegou para mim e disse que queria tirar algo bom depois de toda essa dor. Me deu a ideia de criarmos alguma campanha contra a pedofilia aqui no Estado", disse a avó de Kauã.

“Me deu a ideia de criarmos alguma campanha contra a pedofilia aqui no Estado”

Marlúcia Butkovsky, avó de Kauã

Marlúcia chegou a falar sobre o fato de a mãe do seu neto, a pastora Juliana não ter comparecido à sessão. "Ela precisa de um espaço que é só dela. Todos estão sofrendo muito. Eu estou, imagina ela que é mãe e perdeu três crianças?", disse a comerciante.

No final da sessão, Marlúcia se encontrou com o presidente da CPI, Magno Malta, e o Delegado titular da Delegacia de Crimes Contra Criança e Adolescente (DPCA), Lorenzo Pazolini, com o objetivo de ajudá-los em casos de pedofilia no Estado.

Revolta em sessão lotada

A sala que recebeu a sessão da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos do Senado Federal, que interrogou o pastor George Alves, na tarde de ontem, ficou lotada. Os participantes esboçaram diversas reações, durante o depoimento do pastor.

Acadêmicos do curso de Direito, de várias faculdades, funcionários públicos do Estado e até mesmo pessoas que de alguma forma se sensibilizaram com o caso participaram da sessão.

O momento de maior reação das pessoas, no local, foi exatamente quando George confessou ter sido abusado sexualmente quando era criança. Grande parte dos populares esboçaram gestos de espanto.

Em momentos nos quais George dizia que não queria responder, a reação da grande maioria era de indignação.

Algumas pessoas chegaram a sussurrar frases como: "Ele tem que falar. Está aqui. Não é para isso?". Outras, faziam gestos com a cabeça, indicando não concordar com alguma atitude do pastor George Alves Gonçalves.



PÚBLICO fotografou a sessão

Durante todo o interrogatório, os olhares dos presentes se fixaram nas reações do pastor George Alves durante os questionamentos do presidente da CPI, senador Magno Malta.

Durante a sessão, a maioria das pessoas utilizou o celular para fotografar o pastor, desde a entrada do acusado na sala até o momento da sua saída.

CPI DOS MAUS-TRATOS

Pastora será convocada a depor em Brasília

Juliana Sales não foi à sessão de ontem por questões médicas. Na próxima audiência, ela vai ser obrigada a comparecer

Kananda Natielly

A pastora Juliana Sales, mulher do pastor George Alves, e mãe dos irmãos Joaquim Alves Sales, de 3 anos, e Kauã Sales Butkovsky, 6, mortos no incêndio, em Linhares, vai ser convocada a participar de uma nova sessão da Comissão Parlamentar de Inquéritos (CPI) dos Maus-Tratos do Senado Federal, em Brasília.

O Delegado titular da Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Lorenzo Pazolini, informou que Juliana foi convidada a participar da sessão de ontem e com isso não seria obrigada a participar, porém, na próxima CPI, ela será convocada.

"Ela foi convidada. Não foi uma

convocação. Então, um convite, obviamente, a pessoa pode recusar. Mas certamente, pelo o que foi dito pelo presidente da Comissão, Magno Malta, ela será convocada posteriormente para ir a Brasília", confirmou o delegado.

Segundo o presidente da CPI, o senador Magno Malta, a pastora foi convidada a participar da sessão, na tarde de ontem, porém devido a problemas de saúde, ela não pode comparecer.

"Nós recebemos laudos médicos dela, informando que ela não estava apta a participar da sessão, e como ela não estava bem, tem todo direito de não aparecer por aqui", disse o senador.

De acordo com Pazolini, a próxima CPI, em Brasília, será um encontro entre Juliana e George.

"E ela será conduzida e levada ao encontro do acusado, e uma acareação será realizada no cenário nacional", disse Pazolini.

O senador Magno Malta informou que mesmo não tendo acesso ao inquérito, que apura as mortes das crianças, a atuação da CPI foi positiva. "O balanço aqui foi absolutamente positivo. Encerramos a oitiva com o George, embora, sem qualquer tipo de aprofundamento no inquérito, porque ele não veio a minha mão, mas penso que o ganho foi muito grande", disse.

Magno Malta também explicou qual a importância da CPI para as investigações do caso.

"O nosso relatório serve para a formação de juízo do juiz e também para o próprio inquérito", disse o senador.

Os advogados da família de Juliana Sales, que também atuam na defesa de George, foram procurados e informaram que ela estava em boas condições de saúde e que não havia recebido nenhuma solicitação para que pudesse comparecer a CPI.



SENADOR preside a Comissão

Comissão quer propor mudanças na legislação

O presidente da Comissão Parlamentar de Inquéritos dos Maus-Tratos (CPI) do Senado Federal, Magno Malta, falou a respeito dos trabalhos que foram realizados por sua equipe nas sessões realizadas no Estado e disse que todos os criminosos são considerados "serial killers da dignidade infantil".

"Foram dias muito importantes, até porque as figuras foram cuidadosamente escolhidas pelo delegado da DPCA. Não foram alvos aleatórios, mas precisávamos, na verdade, ouvir essas pessoas para extrair o modo operante desses Serial killers da honra e da dignidade infantil, para podermos extrair de maneira a termos elementos para propor uma legislação

preventiva ou até mesmo mais legislativa punitiva como ocorreu com a fala da mãe da Thainá, quando acareada com o Ademir Lúcio", disse.

A respeito do caso de George, o senador contou que tentou conduzir todo o interrogatório de forma que o pastor se sentisse à vontade para contar ou até mesmo assumir qualquer responsabilidade.

"A linha que eu defendi para poder conduzir o interrogatório foi a melhor possível. Até por conta dessa exploração de que ele era pastor, de buscar na vida dele e levá-lo até o ponto de começar a fazer os questionamentos, como fiz. Foi um sucesso, acredito", disse o senador.



PASTORA JULIANA SALES é amparada por parentes durante o enterro dos filhos Joaquim e Kauã (destaques)

"Medo de assumir o crime"

O Delegado titular da Delegacia Especializada de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), Lorenzo Pazolini, explicou que diversas respostas e atitudes, que George Alves manteve durante a sessão, realizada na tarde de ontem, no Ministério Público do Estado, demonstraram apenas que "ele possui medo de assumir o crime que cometeu".

"Com a nossa experiência, ao in-

terrogar o investigado, vemos uma reação de desespero por parte dele. De quem quer confessar, mas talvez não tenha coragem", disse o delegado.

Pazolini frisou também a importância da Comissão Parlamentar de Inquéritos dos Maus-Tratos (CPI) do Senado Federal para toda a sociedade.

"Nós tivemos como importân-

cia, sobretudo, uma prestação de contas à sociedade. Conseguimos comprovar que não havia nenhuma marca de bolha nos pés de Georgeval", explicou.

O delegado disse ainda de forma mais objetiva que a CPI dos Maus-Tratos foi criada "para que crimes como esse não venham atingir inocentes, pessoas indefesas, como as crianças".

CONTRADIÇÕES E MENTIRAS

Delegado avalia o depoimento

Durante o interrogatório, o pastor George Alves demonstrou vários sinais que, segundo o delegado Lorenzo Pazolini, irão contribuir para término das investigações.

- > **PASTOR** - Mostrou os pés e não foi identificada nenhuma queimadura.
- > **GEORGE** - Mostrou as mãos e não foram identificados ferimentos.
- > **ENTROU EM CONTRADIÇÃO** - Fez algumas afirmações que não condizem com o que tem sido divulgado pela própria equipe de policiais e delegados de Linhares.
- > **CONFRONTOU OS EXAMES TÉCNICOS** - Sobre o exame de PSA, proteína presente no sêmem, George disse que o laudo não seria fidedigno.
- > **FICOU EM SILÊNCIO AO SER QUESTIONADO SOBRE SALVAR AS CRIANÇAS** - Ao ser questionado se ele acre-

ditava que um pai não tivesse condições de salvar dois filhos em um ambiente como era a residência onde morava, permaneceu calado.

- > **DEMONSTROU DESESPERO** - Manteve uma reação de desespero, tipi-



PASTOR não tem queimaduras

co de quem quer confessar, mas talvez não tenha coragem. Tanto que ele trouxe uma versão sobre o abuso sexual sofrido na sua infância.

- > **RELATOU TER SOFRIDO ABUSOS NA INFÂNCIA** - Ele relata ter sido abusado na infância. É um fato bastante comum em casos de abusadores. Ou seja, um ciclo de violência que perdura.
- > **NEGA O CRIME POR VÁRIAS VEZES** - Ele negou o crime por três vezes. Tentando enganar a si mesmo para convencer as outras pessoas de uma verdade que ele criou.
- > **MOVIMENTOS DO CORPO REVELAM MENTIRAS** - Os gestos e as expressões do pastor, durante o depoimento, demonstraram claramente que o acusado tentou a todo o momento ocultar a verdade.

CPI DOS MAUS-TRATOS

Mãe desabafa: "Não se pode confiar em ninguém"

Clemilda de Jesus, que teve a filha de 12 anos assassinada, falou pela 1ª vez com o acusado, Ademir Araújo, preso desde novembro

Simony Giuberti

Em um desabafo emocionado e repleto de indignação, Clemilda Aparecida de Jesus ficou frente a frente com o acusado de estupro e matar a filha dela, Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos.

Clemilda também deixou um alerta para os pais. "Eduquem seus filhos, conversem com eles, falem para eles tomarem cuidados, porque hoje em dia a gente não pode confiar mais em ninguém. Não se pode confiar mais em padre, pastor ou vizinho".

O encontro com o acusado ocorreu na manhã de ontem, em uma audiência da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-tratos em Crianças e Adolescentes. Pela primeira vez, após sete meses da morte, a mãe conseguiu falar com o indiciado do crime.

Ademir Lucio Ferreira de Araújo, 55, foi preso em 14 de novembro do ano passado, em Porto Alegre (RS). Ele entrou no auditório no Ministério Público do Estado, em Vitória, com o rosto escondido.

Ademir não respondeu boa parte das perguntas feitas pelo senador Magno Malta, que presidiu a audiência. O acusado também foi questionado sobre o estupro de uma menina de 11 anos, crime pelo qual ele já foi condenado a 34 anos de prisão, em abril deste ano.

O momento que deixou todos emocionados foi quando a mãe de Thayná entrou no auditório e ficou frente a frente com Ademir.

"Ele teve coragem de pegar a minha filha, abusar dela, machucar ela, matar ela e ainda colocar fogo. Ele teve coragem de fazer isso com uma criança", disse Clemilda, olhando para Ademir.

E continuou: "Ele teve coragem de fazer isso com uma criança que ia na igreja e não teve prazer de chegar aos 15 anos. Ele teve coragem de entrar na minha vida abruptamente e arrasar com ela. Ele nunca tinha me visto na vida e ele não tem noção do que ele fez comigo. Com a vida de uma criança que só queria crescer e ser feliz".

O senador perguntou se Clemilda queria fazer alguma pergunta para Ademir. "Eu queria muito saber o que foi que ele falou para a minha filha no momento em que ela entrou naquele carro. Queria muito saber disso". O acusado, no entanto, afirmou que não era ele quem estava dentro do veículo no momento em que Thayná entrou.

Ademir não confessou ser o assassino de Thayná.



CLEMILDA DE JESUS ficou frente a frente com Ademir Ferreira durante depoimentos a Comissão Parlamentar

CLEMILDA DE JESUS MÃE DE THAYNÁ ANDRESSA

"Será que tem noção do que fez?"

Clemilda Aparecida de Jesus, mãe da menina Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, que foi assassinada em outubro do ano passado, no bairro Universal, conversou com a reportagem ontem.

> **A senhora poderia narrar para a gente o que aconteceu naquele dia?**

CLEMILDA APARECIDA - Pedi um favor para a minha filha, como toda mãe pede. Pedi ela para ir buscar as caixas. E foi a última vez que eu falei com a minha filha.

Eu fui na delegacia a tarde, pois a escola sempre manda uma mensagem quando a criança não aparece, mas a mensagem não chegou por que no dia anterior tinha chovido muito e tinha estragado o aparelho. Quando deu 18 horas, minha filha não ligou. E eu já sabia

que alguma coisa tinha acontecido porque eu conheço a minha filha.

> **Qual a importância de ficar cara a cara com Ademir?**

Poder falar para ele das coisas que ele tirou dela, para ele pensar, se é que ele consegue, foi muito importante para mim.

> **Acredita que a sua luta vai ajudar outras mães a tomarem mais cuidado com seus filhos?**

Espero que sim. Só queria falar

Eu sabia que ele não iria ser sincero, mas precisava estar ali. O que importa agora é que nossas leis se tornem mais severas"

isso para as mães. Falem para seus filhos não deixar ninguém tocar, pegar, mexer. Tenham cuidado.

> **O que significou para a senhora ficar frente a frente com o acusado de matar a sua filha?**

Eu sabia que ele não iria ser sincero, mas eu precisava estar ali. O que importa agora é que nossas leis se tornem mais severas e eu espero que essa CPI sirva para isso.

Minha filha pelo menos agora está com Deus, está descansando e está em paz. Mas será que ele tem noção do que ele fez com a minha vida? Ele está protegido, ele come, ele bebe, ele toma remédio se precisar. Mas e eu? E a minha filha? E aquele cofre que eu tenho lá em casa para fazer a festinha dela de 15 anos? E aquela bicicleta que ela não chegou a andar?

Confissão sobre estupro de menina de 11 anos ao depor

Ademir Lucio Ferreira de Araújo, de 55 anos, acusado de estupro e matar a menina Thayná Andressa de Jesus Prado, de 12 anos, em outubro do ano passado, em Viana, confessou, na manhã de ontem, o crime que cometeu contra uma estudante, de 11 anos, três dias antes do desaparecimento de Thayná.

Essa foi a primeira vez que ele admitiu oficialmente o que fez. O crime aconteceu no bairro Industrial, também em Viana.

O acusado foi condenado a 34 anos de prisão em regime fechado, em abril deste ano, por ter sequestrado e estuproado a menina. "Se eu errei, eu vou pagar pelo meu erro. Mas se eu não errei, não posso pagar por uma coisa que eu não fiz. O outro processo sim, fui eu. Mas o da Thayná eu vou provar que não fui eu", afirmou o condenado.

O delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente, comentou sobre a confissão de Ademir.

"Tínhamos laudos periciais que comprovavam que ele era o autor do crime de uma vítima de 11 anos de idade. E hoje ele veio a confessar, assumiu esse crime e isso é um fato relevante. Demonstra a crueldade e a frieza como ele age".

O acusado disse que o sangue encontrado no carro dele, não era de Thayná. "A polícia fez uma perícia falsa, falou que o sangue encontrado no meu carro era da Thayná. Mas era de uma menina que eu dei carona e cortou o pé".

Ademir vai a júri popular. Ele responde por homicídio qualificado, estupro de vulnerável, ocultação de cadáver e uso de documento falso.



ADEMIR escondeu o rosto

ENTENDA O CASO



THAYNÁ entrando em carro

Sequestro de Thayná

> EM 17 DE OUTUBRO DE 2017, Thayná é sequestrada e câmera de videomonitoramento registra o momento. Uma menina de 11 anos foi estuproada três dias antes.

Protestos da família

> NO DIA 6 DE NOVEMBRO, após fazer protestos na BR-101, Clemilda, mãe de Thayná, junto com familiares, foi para a frente ao Palácio Anchieta e cobrou por respostas sobre o para-

deiro da filha, que continuava desaparecida.

Carro do acusado

> AINDA NO DIA 6 DE NOVEMBRO, a polícia encontra o Gol prata usado no sequestro da menina.

Ossada encontrada

> NO DIA 10 DE NOVEMBRO, a polícia faz uma operação em Viana e a ossada de Thayná é encontrada, em um local deserto, no bairro Areinha.

Prisão de Ademir

> EM 14 DE NOVEMBRO, Ademir é preso em Porto Alegre e volta ao Estado. Ele negou ter estuproado Thayná e afirmou que a menina morreu após cair em uma lagoa.

Júri Popular

> EM MAIO, a juíza Jaqueline Teixeira da Silva decidiu que ele vai a júri popular, por homicídio qualificado, estupro de vulnerável, ocultação de cadáver e uso de documento falso.

CPI DOS MAUS-TRATOS

Avó de menino deixado na BR-101 fugiu para a Bahia

Mariana Vigna Leque é acusada de estupro de vulnerável contra o neto. Avô e tio da criança já estão presos pelo mesmo crime

Jéssica Cardoso
Tais de Holanda

Mariana Vigna Leque, avó de consideração do menino, de 2 anos, deixado pela mãe num ponto de ônibus na Serra, fugiu para a Bahia, segundo a polícia. Ela responde por estupro de vulnerável contra o neto.

O mandado de prisão foi expedido pelo juiz substituto de segundo grau, da vara criminal da Comarca de Itacaré, na Bahia, Álvaro Marques de Freitas Filho e anunciado na quinta-feira na Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI) dos Maus-Tratos em Crianças e Adolescentes.

Mariana estava no Estado, mas não foi encontrada pela polícia. Já o avô do menino, Miguel Angel Vilar, que é casado com Mariana, e o filho dele, José Gonzales, foram presos por força do mandado de prisão pelo mesmo crime. Pai e filho são argentinos, foram ouvidos

na CPI e negaram os abusos. Eles foram levados para o presídio.

Delegado Lorenzo Pazolini, titular da Delegacia de Proteção à Criança e ao Adolescente (DPCA), contou que acredita que Mariana tenha fugido para a Bahia. Ele iniciou investigações após ouvir a mãe do menino, que veio da Bahia para terras capixabas fugindo do pai.

O titular da Delegacia Territorial de Polícia de Itacaré, delegado Emanuel Ribeiro Matos, contou que a polícia faz buscas por Mariana. Quinta-feira e ontem estiveram no sítio da família, em Vila Marambaia, a 50 quilômetros de Itacaré. Ninguém foi localizado.

“Havia denúncia de que o pai dela tinha armas. Com um mandado de busca e apreensão apreendemos cerca de 40 munições de calibre 32 num armário, computadores, CPUs, pendrive, HD, documentos, um celular. Tudo será periciado em Salvador”.

Ele contou que pretende ouvir os acusados na semana que vem. “Essa questão dos abusos entre familiares em busca de uma raça pura choca. Vou contatar o Ministério Público e o Tribunal de Justiça da Bahia para que eles sejam trazidos do Espírito Santo para cá. Quero ouvi-los”, contou o delegado Emanuel.



CRIANÇA foi acolhida por PMs e depois encaminhada para um abrigo



DELEGADO Lorenzo Pazolini

Justiça decide futuro de mãe e filho

Após mãe e filho serem acolhidos, juntos, em um abrigo, a Justiça ainda vai decidir se os dois vão ficar no Espírito Santo, voltam para a Bahia ou seguem para a Argentina.

O delegado Lorenzo Pazolini, titular da DPCA, explicou que os dois estão seguros e que cabe ao Judiciário informar o destino deles.

“A lei prevê que eles podem permanecer, mas ainda prevê que a juíza pode decidir se permanece ou não”, explicou Pazolini.

Até que essa decisão aconteça, os dois ficam no abrigo. “Estão protegidos. Mas o caso está sob apuração da Polícia Civil da Bahia,

porque o fato ocorreu lá. Então, deve ser apurado por lá”, destacou o delegado.

A juíza da 1ª Vara da Infância e Juventude da Serra, Gladys Henriques Pinheiro, explicou que a decisão pode sair na próxima semana. Ela contou que falta a conclusão de um laudo psicossocial, referente ao trabalho de psicólogos e assistentes sociais.

Para Pazolini, entre os depoimentos conclusivos para o caso está o de José Gonzales, na quinta-feira. Ele é irmão da mãe do menino, de 2 anos, e seria um dos abusadores do garoto.

“Ele disse que o pai buscava pureza biológica, pureza genética, e

para isso eles tinham que ter relações entre si”, lembrou Lorenzo.

O titular da Delegacia Territorial de Polícia de Itacaré, delegado Emanuel Ribeiro Matos contou que o local em que a família vive era isolado e que não havia registros anteriores de crimes relacionados aos acusados. “É uma casa central e bangalôs onde filhos moravam”, explicou o delegado.

Os advogados Vitor Veiga e Fernanda Ribeiro que defendem os argentinos Miguel Angel Vilar, avô da criança, e o filho dele, José Gonzalez, informaram que os dois continuam presos. A previsão é que eles sejam transferidos para a Bahia nos próximos dias.

DECISÃO REDUZ VENCIMENTOS

Subprocurador terá de devolver valores indevidos para o MPES

Josemar Moreira, que tinha sido beneficiado por decisão, teve salário reduzido pelo abate-teto

▲ NATALIA DEVENS
ncosta@redgazeta.com.br

Após ter sido autorizado, por uma decisão administrativa, a receber uma gratificação ultrapassando o teto constitucional, de R\$ 33,7 mil, o subprocurador-geral de Justiça do Ministério Público Estadual (MPES), Josemar Moreira, terá que voltar a sofrer o corte na remuneração, pelo abate-teto, e devolver todos os valores recebidos indevidamente aos cofres públicos.

No ano passado, o procurador fez um requerimento à Procuradoria-Geral de Justiça para que pudesse receber integralmente o valor de uma gratificação especial por ocupar o cargo de presidente da Comissão Processante Permanente.

Como o salário de procurador é R\$ 30.471,11, e ele recebe um adicional por função de confiança no valor de R\$ 8,7 mil, a remuneração bruta chega a R\$ 39,2 mil, acima do teto do funcionalismo público, que é o salário dos minis-



Ministério Público: remuneração bruta do subprocurador chega a R\$ 39,2 mil

tros do Supremo Tribunal Federal (STF).

Alegando que não teria como usufruir da maior parte desta gratificação, que sofre corte de R\$ 5,4 mil por mês, devido ao abate-teto, ele requisitou à chefia do MPES o recebimento total, sob o argumento de que esta função de presidente da Comissão é "estranha às suas atribuições ordinárias".

Em setembro do ano passado, o pedido foi con-

cedido pelo procurador Eder Pontes, que atuava em substituição na Procuradoria-Geral.

TETO

Na decisão, Eder Pontes fundamentou que o entendimento firmado pelo plenário do STF permite que o teto remuneratório seja aplicado isoladamente a cada vínculo do servidor público, e que a função de presidente que Moreira ocupa pode ser considera-

do um vínculo distinto, pois tem caráter extraordinário.

Ele também afastou a incidência de uma resolução do Conselho Nacional do Ministério Público (CNMP), que impede que a remuneração ultrapasse o teto da Constituição.

Como Moreira exerceu essa função de agosto de 2013 a março de 2015, afirmou ter deixado de receber R\$ 20,2 mil no período. Em seguida, em abril

CRÍTICA

"Houve uma aplicação distorcida da jurisprudência do Supremo Tribunal Federal para burlar a aplicação do teto remuneratório constitucional"

AMARILDO SANTOS
DIR. DO SINDIPÚBLICOS

de 2017, quando voltou à função, também teria outros valores a receber.

Por conta desta decisão, o Sindicato dos Trabalhadores e Servidores Públicos do Espírito Santo (Sindipúblicos) foi ao CNMP questionar esta permissão dada pelo MPES para pagar valores acima do teto.

QUESTIONAMENTO

De acordo com o diretor jurídico do Sindipúblicos, Amarildo Santos, em fevereiro deste ano, Eder Pontes pediu um prazo maior para dar explicações ao Conselho Nacional. Em seguida, no dia 2 maio, emitiu duas novas decisões.

Em uma delas, baseado

do poder que a administração pública tem de anular seus próprios atos, a Procuradoria-Geral tornou sem efeito a autorização dada ao procurador Josemar Moreira para receber acima do teto. Ele ainda pode recorrer.

Já na resposta ao Procedimento de Controle Administrativo dada ao CNMP, Pontes argumentou que o processo deveria ser extinto, por ter perdido o objeto, já que sua decisão anterior foi reformada.

O diretor do Sindipúblicos, Amarildo Santos, justificou a medida tomada pelo sindicato pelo fato de violar a moralidade administrativa.

"O MPES se valeu de uma ficção. Houve uma aplicação distorcida da jurisprudência do Supremo Tribunal Federal para burlar a aplicação do teto remuneratório constitucional. Defendemos que se providencie a restituição dos valores recebidos irregularmente aos cofres públicos", disse.

O MPES e o procurador Josemar Moreira foram procurados, mas não responderam aos questionamentos da reportagem.